

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL

TALITA MAISA SANTANA

**ENTRE LITERATURAS E MEMÓRIAS:
AS MULHERES E A COLONIZAÇÃO DE TOLEDO/PR**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2013

TALITA MAISA SANTANA

**ENTRE LITERATURAS E MEMÓRIAS:
AS MULHERES E A COLONIZAÇÃO DE TOLEDO/PR (1946-1956)**

Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação do professor Dr. Davi Félix Schreiner, apresentado à banca examinadora do Curso de História da UNIOESTE – *campus* de Marechal Cândido Rondon, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

2013

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus...

Não poderia deixar de agradecer as pessoas que possibilitaram a realização deste trabalho. Foram muitas que contribuíram e são responsáveis não somente por mais esta realização, mas assim como, pela minha formação acadêmica e como ser humano.

Dentre estas a mais importante, é a mulher mais incrível que já conheci, a mais forte das guerreiras, minha mãe, Maria Edna Santana. Independente das horas difíceis ou de alegria sempre esteve ao meu lado e sempre confiou em mim. A você devo muito do que sou, do que penso, do que sei. Obrigado por me compreender e nunca ter me abandonado. A minha gratidão e o meu amor por você são infindáveis. TE AMO.

Também sou grata a toda a minha família, a minha Irmã Maria Eduarda, ao padrasto Claudinei, a minha avó Lindaura, ao meu avô Ademar que foi um verdadeiro pai para mim e hoje esta no céu olhando por todos nós, aos meus primos e tios. Obrigada!

Não poderia deixar de agradecer ao meu amor, Pabluo Volpato Silva, por ter tornado a minha vida muito melhor desde que nos conhecemos e por ser mais que um namorado, ser um companheiro um amigo. Te amo.

As experiências acadêmicas também não seriam as mesmas se não tivesse contado com professores excelentes, que possibilitaram o meu amadurecimento intelectual, cada qual com contribuições diferentes, mas que foram essências para a minha formação.

Minha imensa gratidão, ao meu professor orientador Davi Félix Schreiner, que contribuiu e muito para a realização deste trabalho, com suas experiências sempre a me guiar.

A realização desta pesquisa também não seria possível sem a disponibilidade das fontes do Museu Histórico Willy Barth, e disposição dos funcionários do museu em colaborarem quando a eles foi solicitado os matérias, as entrevistas, assim como, nas conversas a respeito da colonização.

Meus agradecimentos , à colaboração de Emazil Batista de Lima e Iracema Galvão ao possibilitar a nós seus depoimentos orais. Obrigada.

Sou grata, aos meus amigos, que tanto me fazem bem, e que possibilitam momentos de companheirismo e felicidade.

Aos meus companheiros, guerreiros de curso, que dividiram comigo as dificuldades as angustias e felicidades destes anos.

Em especial, agradeço as minhas amigas, Camila Calgarotto, Mirian Bald, Mara Dhulle Santos e Jessica Gobo. Estas foram parceiras, para todos os momentos, bons e ruins. Só nós sabemos tudo que passamos nestes anos, as dificuldades, os tropeços, o desespero. Porém, foram muitas as risadas, as conversas e as brincadeiras. Seremos para sempre as “Meninas” e sempre estaremos prontas para apresentar aquele seminário, porque, confiamos umas as outras e sabemos que nos ajudaremos para darmos o melhor da mistura formada por nós.

Não conseguirei agradecer a todas as pessoas que de alguma forma fizeram a diferença na minha vida, mas quero que saibam, que nunca deixarei de ser grata pois sei que, sem vocês nenhuma conquista seria alcançada.

OBRIGADA!!!

RESUMO

O presente trabalho reflete acerca das representações das mulheres e sobre as mulheres que participaram do processo de colonização de Toledo, nos anos de 1946 a 1956. Para analisarmos a participação de mulheres nesse período, fizemos uso de literaturas produzidas sobre a história da colonização de Toledo. Questionamos como essas obras abordam a figura das mulheres enquanto sujeito histórico e, ou, silenciam sobre a atuação das mulheres no referido período. A escolha destas obras foi objetivada pela utilização das mesmas em trabalhos acadêmicos e, ou, por terem sido produzidas por meio de projeto da Prefeitura Municipal de Toledo. Também utilizamos entrevistas feitas com mulheres que participaram deste processo. Analisamos as suas narrativas e percepções a respeito da colonização e como as mesmas significam as suas vivências relacionadas a esse tempo e espaço social. Contudo, não deixamos de questionar as fontes e suas intencionalidades no intuito de problematizar a naturalização da hierarquização ente homens e mulheres, pelos discursos que disseminam uma posição de inferioridade social das mulheres em relação aos homens. Entendemos que ambos são sujeitos sociais que produzem e se fazem na história.

Palavras-Chave: Mulheres; Colonização; Representações Sociais, Memórias.

LISTA DE ABREVEATURAS:

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	14
AS MULHERES E A COLONIZAÇÃO:.....	14
As Abordagens em Obras sobre a História de Toledo	14
1. “Toledo e sua História”: A Construção de um Passado	16
2. “Toledo no Paraná”: A Elaboração de Uma Visão Memorialista	25
3.: “Tempo de Heróis” Narrativas de Heroicização:	28
CAPÍTULO II	36
1. Imagens da colonização: a migração e as dificuldades iniciais	38
2. O Trabalho.....	42
3. Sociabilidades	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
FONTES.....	57
SITES:.....	57
REFERÊNCIAS:.....	58

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar as representações sociais das mulheres e sobre as mulheres durante o processo de colonização de Toledo – PR, entre 1946 e 1956. Para esse estudo utilizamos obras que abordam sobre a colonização de Toledo, bem como relatos orais de mulheres que vivenciaram o referido processo.

O município de Toledo está localizado no extremo Oeste do Paraná. Os registros do começo da colonização de Toledo creditam o ano de 1946 como sendo o marco inicial do processo de colonização, que se deu com a chegada de famílias migrantes vindas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em sua maioria, essas famílias eram de agricultores.

Ao migrarem para Toledo, área denominada à época de Arroio Toledo, tinham como finalidade adquirir novas terras, como alternativa a baixa produtividade das terras de origem, assim como, a falta de terras para produzirem. Essas famílias decidiram migrar para Toledo a partir de propaganda de venda de terras e, ou, de agenciadores contratados pela empresa Companhia Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S. A. (Maripá), ou, ainda, devido às cartas e convites que recebiam de familiares e parentes já instalados na colonização. A Maripá tinha como objetivo colonizar a região que atualmente compreende as cidades de Marechal Cândido Rondon, Maripá, Mercedes, Quatro Pontes, Pato Bragado, Entre Rios do Oeste, Nova Santa Rosa e Toledo¹.

Em dezembro de 1951, Toledo foi emancipada do município de Foz do Iguaçu e, em 1952, promoveu a primeira eleição municipal. Desde a colonização tem se destacado como de economia agropecuária, sendo a produção de grãos e criação de suínos e leite as principais atividades econômicas do município.

¹ A Companhia Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S. A - Maripá foi fundada em 13 de abril de 1946, com a finalidade, de comprar vender terras e exportar e industrializar madeira. SCHREINER, Davi Félix. **Cotidiano, trabalho e poder**: a formação da cultura do trabalho no extremo Oeste do Paraná. 2. ed. Toledo: Editora Toledo, 1997. p 17. (nota de rodapé).

Atualmente tem uma população estimada em 119.313 habitantes².

A participação das mulheres e as representações sobre as mesmas no processo de colonização de Toledo foram pouco estudadas no âmbito da História até o presente momento. Existem trabalhos sobre as mulheres na colonização de Toledo desenvolvidos por acadêmicos da Unioeste - Campus de Marechal Cândido Rondon. No entanto, nenhuma destas obras elabora uma análise sobre as literaturas, obras que tem como tema este período e as suas representações sobre as mulheres no processo de colonização.

Um dos poucos trabalhos que abordam a participação das mulheres na colonização de Toledo foi desenvolvido por Eliane G. Souza Dechotti³. O trabalho de Dechotti “tem como proposta abordar questões relacionadas à memória das mulheres migrantes sobre o processo de colonização do atual espaço geográfico do município de Toledo, mais especificamente no período que compreende o final da década de 1940 até 1960”⁴. O outro trabalho é o de Maria Eva Duarte Tizziani⁵, que pretende “recuperar alguns aspectos das experiências das mulheres que participaram dos primeiros anos (1946-1946) da colonização do município de Toledo”⁶. Com esta temática também encontramos o trabalho de Cleonice Aparecida de Moraes⁷, dialogando com entrevistas de Mulheres, analisando a narrativa das mesmas sobre o cotidiano da colonização de Toledo com o propósito de “dar visibilidade à participação das mulheres, destacando as suas vivências e experiências no processo de colonização”⁸.

No entanto, além de considerarmos ínfima a quantidade de trabalhos

² Dados: INSTITUTO PARANAENSE PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL: **cadernos estatísticos:** município de Toledo. Disponível em: [HTTP://www.iapardes.gov.br/pdf/cadernos/Montapdf.php?Municipios=85900](http://www.iapardes.gov.br/pdf/cadernos/Montapdf.php?Municipios=85900). Consultado em: 10/10/2013.

³ DECHOTTI, Eliane G. Souza. **Mulheres migrantes** : Lembranças da colonização de Toledo (1940 – 1960). 2000. TCC – Unioeste, Marechal Cândido Rondon.

⁴ Ibidem. p.1.

⁵ TIZZIANI, Maria Eva Duarte. **Mulheres na colonização de Toledo (1946 – 1956)**. 1999. TCC, Marechal Cândido Rondon.

⁶ Ibidem. p 5.

⁷ MORAIS, Cleonice Aparecida de Moraes. **Revisando a migração em Toledo**. A partir de narrativas femininas. 1999. (monografia em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

⁸ Ibidem. p. 5.

historiográficos a respeito da participação das mulheres, também acreditamos que, como já existe uma vasta gama de obras nas quais as mulheres não são vistas como sujeitos atuantes na história, também se faz necessário não apenas analisar a participação e as contribuições das mulheres, mas questionar os paradigmas criados sobre a imagem das mesmas.

Nessa direção, entendemos que o “discurso do pioneirismo”, cultuado em diversas obras sobre a colonização de Toledo, viabiliza uma história dos homens em que o trabalho das mulheres é inferiorizado, assim como, dos demais sujeitos sociais envolvidos nos processos históricos. As mulheres, assim como os homens, são sujeitos históricos. Cabe questionar, para além da literatura que se assenta no discurso do pioneirismo, as narrativas de mulheres e como as mesmas tendem a difundir diferenças e hierarquias entre mulheres e homens.

Para tanto, analisamos três obras sobre a cidade de Toledo e sua colonização, produzidas fora do âmbito da academia. Como nosso estudo delimita-se a analisar o espaço temporal da primeira década do processo de colonização de Toledo (1946-1956), trabalhamos com obras que tem como tema principal os anos iniciais da colonização. Tais livros foram publicados em datas diferentes, e, apesar de suas semelhanças, são literaturas com perspectivas próprias e distintas: o livro de Oscar Silva “Toledo e sua história”, de 1988, a obra de Ondy Hélio Niederauer “Toledo no Paraná de 1992”, e com o livro de Vitor Beal “Tempo de Heróis. A Parte Esquecida da História de Toledo, que o Tempo não Conseguiu Apagar”, de 2009.

Essas obras falam sobre o processo de colonização de Toledo. Apesar de serem elaboradas em datas diferentes, elas foram elaboradas sob égide da rememoração deste processo, cada qual dando enfoque nos fatos de interesse dos autores. Neste sentido, analisamos a construção de memórias sobre os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres, explicitando a divisão do trabalho familiar rural entre homens e mulheres durante a colonização de Toledo. Desse modo, procuramos questionar a naturalização do pensamento, muitas vezes difundida sobre a mulher, que as coloca num papel secundário, como coadjuvante da história.

O interesse pelo desenvolvimento deste trabalho partiu da realização de trabalhos de transcrição de entrevistas feitas com os denominados “pioneiros de

Toledo”. Estas transcrições eram parte do trabalho desenvolvido no período de desenvolvimento da bolsa de PIBIC (2009/2010). As entrevistas foram produzidas pelo Museu Municipal de Toledo, entre 1990 a 2000. Em sua maioria, tinham como entrevistados homens, que, por sua vez, eram personalidades muito conhecidas na cidade pelo seu alto poder aquisitivo.

A análise sobre este tema é pertinente no que diz respeito à construção do ideal feminino, que vêm sendo repassado ao longo dos tempos, atribuindo às mulheres funções ou as vendo como um “ser estritamente doméstico”, e, desse modo, menosprezando-as como sujeitos da história. Porém, sabemos que as atividades desenvolvidas pelas mulheres, neste caso no trabalho e em outras atividades durante a colonização, vão muito além da imagem que se elaborou acerca delas. As mulheres trabalhavam no campo de maneira semelhante se não igual aos homens, tanto no plantio e na colheita, ajudando na agricultura familiar, como na lida com os animais e além de serem responsáveis pelo desenvolvimento das atividades no interior dos domicílios (passar, cozinhar, cuidar dos filhos, por exemplo).

Deste modo, estas questões silenciadas ou interpretadas de forma estereotipada devem ser levantadas e questionadas. Para tanto, as relações sociais entre homens e mulheres são, neste trabalho, concebidas de acordo com o pensamento de Maria Joana Pedro e Michelle Perrot, como permeadas por questões de poder e dominação e autoafirmação. O que nos faz ver que é de suma importância analisar a história das mulheres, não para criar uma história isolada da dos homens, mas pelo contrário, para que compreendamos que homens e mulheres são sujeitos históricos, cada qual com as suas singularidades, mas ambos com suas contribuições para a sociedade.

Utilizaremos a categoria “mulheres” como sujeitos históricos, abordando as representações sociais que foram elaboradas acerca das mulheres nas relações sociais do processo de colonização. Mas, também, como as mulheres avaliam suas vivências por meio da análise de entrevistas orais. Além de entrevistas realizadas por nós, utilizamos seis entrevistas orais: quatro entrevistas pertencem ao acervo do Museu Histórico Willy Bath e foram feitas entre 1989 a 1990. As outras duas entrevistas foram concedidas à autora no ano de 2013. Ao trabalharmos com estas

entrevistas, estaremos analisando-as conforme os preceitos da história oral desenvolvidos por Alessandro Portelli. Segundo o autor:

No plano textual a representatividade das fontes e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pela reconstrução da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhado⁹.

Para a análise dessas entrevistas, utilizamos a categoria “memória” segundo Michel Pollack¹⁰, atentos à produção de memória pelos sujeitos envolvidos no contexto histórico em questão e os silenciamentos dos entrevistados. A análise de memórias é um instrumento muito utilizado pela historiografia. Porém, esta categoria de análise deve sempre ser utilizada levando-se em consideração, como qualquer outra fonte, os seus limites e possibilidades, fazendo-lhe as perguntas e críticas adequadas. Também devemos estar atentos para o fato que a memória possibilita ao indivíduo entrevistado consciente ou inconscientemente modificar a sua narrativa.

O silenciamento constitui outro fator importante para o historiador que pretende trabalhar com memórias. Os entrevistados podem silenciar fatos que são desconfortáveis para eles, deixando de falar partes importantes acerca de suas trajetórias de vida e de acontecimentos do passado. A apropriação de memória constitui outro fator importante a ser levado em consideração. Por muitas vezes as pessoas tratam os fatos vividos por outros como sendo de sua própria experiência.

Cabe ao pesquisador analisar e conhecer o momento histórico a que se propôs pesquisar, para identificar estas lacunas deixadas pelo entrevistado. Porém, sempre devemos lembrar que o papel do historiador não é o de julgar os indivíduos entrevistados, mas sim, fazer questionamentos e análises sobre esta memória.

Essa monografia está organizada em dois capítulos, seguidos das considerações finais. No primeiro capítulo - “As Mulheres e a Colonização: as

⁹ PORTELLI, Alessandro. “A filosofia dos fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. In: **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1, nº, pp. 59-72, 1992.

abordagens em obras sobre a História de Toledo”- tratamos da atuação da mulher no tempo e espaço colonial a partir das narrativas de três obras que tratam da colonização do município de Toledo.

No segundo capítulo, analisamos as representações sociais que as mulheres elaboram acerca da sua participação durante o processo de colonização e como significam suas experiências de vida, de trabalho e as sociabilidades.

¹⁰ POLLAK, Michel. “**Memória, esquecimento e silêncio**” In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro:

CAPÍTULO I

AS MULHERES E A COLONIZAÇÃO: As Abordagens em Obras sobre a História de Toledo

A produção literária que aborda o processo de colonização de Toledo conta com uma vasta gama de obras com conteúdo memorialista e mistificante, que pretendem exaltar a figura do colonizador como espécie de herói desbravador “o pioneiro criador”¹¹. A imagem elaborada por estas literaturas, enaltece a figura do homem, centralizando-o nos relatos acerca do processo de colonização.

Para tanto, utilizaremos algumas destas obras para analisar o processo de colonização e as abordagens que as mesmas trazem a respeito das mulheres na colonização de Toledo.

Uma destas literaturas trata-se do livro de Oscar Silva “Toledo e Sua História”¹², confeccionada pelo “Projeto História”. Este projeto foi desenvolvido pela prefeitura municipal de Toledo e tinha como propósito elaborar, construir uma memória acerca da colonização do município. O projeto teve início em 1983, ano do primeiro mandato do prefeito Albino Corazza Neto. O projeto foi organizado por Oscar Silva, Wilson Carlos Kuhn¹³ e Ondy H. Niederauer, sendo criado sob a

FVG, vol. 2, n. 3, 1989.

¹¹ Dentre estas podemos citar: BEAL, Vitor. **Tempo de heróis**. História de Toledo, Oeste do Paraná: a parte esquecida que o tempo não conseguiu apagar. Toledo: GFM Gráfica e Editora, 2009. p. 490. ; COLOGNESE, Silvio Antônio. (org). **Ruas de Toledo**: identidades que se cruzam. Cascavel: Edunioeste, 2011. ; Costa, Luiz Aloberto Martins da. (coord.). **Toledo 50 anos**: cinco décadas de histórias. Toledo : Sul Gráfica, 2002; GRODIN, Marcelo. **O alvorecer de Toledo**: na colonização do oeste do Paraná (1946-1949). Marechal Candido Rondon/PR : Germânica, 2007.; NIDERAUER, Ondy Helio. **Toledo no Paraná**: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso. 2 ed. Toledo : Tolegraf, 2004. ; PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE TOLEDO. **Imagens...e assim iniciou Toledo**. Toledo : Prefeitura do Município de Toledo, [198?]. s/p. ; RUARO, Alfredo. **Autobiografia**. Datiloscrito: s/l., 2001.; RUARO Ighes Zanionol. **Memórias**. Cuiabá: Edições Aroé, 2006.; SILVA, Oscar; BRAGANOLLO, Rubens; MACIEL, Clori Fernandes. **Toledo e sua História**. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1998.; YOSHITA, Iraci da Silva Mernezes, (coord.). **Com licença somos distritos de Toledo**: projeto repensando os distritos de Toledo. Prefeitura Municipal de Toledo: Toledo, 1998.

¹² SILVA, Oscar; BRAGANOLLO, Rubens; MACIEL, Clori Fernandes. **Toledo e sua história**. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1988.

¹³ “Outro nome integrante do projeto era Wilson Carlos Kuhn, apontado por Niderauer como professor, advogado e “historiador”, que teria participado da produção de um livro sobre a história da Diocese de Toledo. Na condição de Advogado Prestou serviços à Maripá e à Pinho e Terras Ltda. Nesta atuação ganhou muito destaque ao realizar a defesa da Pinho e Terras e dos agricultores que

portaria 023/83 - Departamento de Cultura, tendo como objetivos: I Tombamento de dados geográficos e estatísticos, II Registro sistemático de fatos históricos, III Organização do arquivo histórico municipal, IV Elaboração do compêndio sobre a história de Toledo, V Implantação do Museu Histórico de Toledo¹⁴.

O Projeto História fez parte do plano de ação do então prefeito Corazza Neto, que tinha como lema principal o tema “Toledo Comunidade no Poder”, esse articulado ao projeto estadual do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), dando ênfase à industrialização do município. O “Projeto História” tornou-se um veículo para divulgação dos feitos da administração municipal, assim como a elaboração de uma história acerca do “pioneirismo” de Toledo.

Além da confecção de livros, o projeto também foi responsável pela abertura do museu histórico “Willy Barth”. O museu foi criado em 1976 pela Lei nº 844/76 sob a gestão do então prefeito Wilson Carlos Kuhn. Porém, foi em 1983 que o museu saiu do papel e abriu as portas para visitação, juntamente com a criação do “Projeto História”. O museu Histórico Willy Barth possui um acervo de mais 1400 objetos, dentre estes estão 7007 fotografias, 2960 documentos e 1211 entrevistas sendo estas dispostas em vídeo, DVDs e CDs¹⁵.

A escolha do livro de Oscar Silva, partiu da repercussão e difusão da mesma, por ser reconhecida como a síntese do pensamento desenvolvido pelo projeto, e, além disso, por ser utilizada como fonte em diversos estudos, entre os quais trabalhos acadêmicos, bem como ser o livro indicado em editais de concursos públicos realizados em Toledo.

Além desta obra, também analisaremos obras que não foram elaboradas pelo o “projeto História”, como é o caso do livro de Ondy Helio Nideraur “Toledo no

havam comprado lotes rurais de um imóvel cujos títulos foram contestados pelo Estado, ocasião em que Kunh ganhou a causa para seus Clientes. Também foi vice-prefeito municipal de Toledo de 1969 a 1972 e, depois, de 1973 a 1976, pela ARENA, cuja administração é reconhecida por ter conferido grande destaque à área cultural” .LANGARO, Jiane Fernando. **Quando o futuro é escrito no passado: “colonização” e pioneirismo nas memórias públicas de Toledo – PR (1950-2010)**. São Paulo: PUC-SP, 2012. Tese. p. 56).

¹⁴ SANTOS, Reginaldo Aparecido dos. **Narrativas urbanas: cidade, fotografia e memória, Toledo-PR. (1950-1980)**. Marechal Cândido Rondon/PR: PPGH/Unioeste, 2010. Dissertação. p. 117.

¹⁵ Cf. SANTOS, Nichelli R. **(Re) Leituras de uma História: O museu Willy Barth na visão de seus visitantes**. Marechal Cândido Rondon/PR, Unioeste, 2010. TCC. Os dados citados foram confirmados por funcionários do museu em 2013. Novos documentos e peças que compõem o

Paraná”¹⁶. O livro de Niederauer assim, como o livro de Silva, também se configura como uma das obras representativas da História oficial de Toledo, também sendo utilizado em concursos e como fonte em pesquisas acadêmicas.

Os dois livros, acima mencionados, foram feitos na década de 1980 e 1990, sob uma atmosfera agitada de auto-afirmação do que chamamos de “pioneiros”, onde a pauta destas discussões era sobre quais eram os verdadeiros “colonizadores” de Toledo, e qual deles ou qual grupo tinha tido maior importância para o “desenvolvimento de Toledo”.

A outra obra, a ser analisada por nós, trata-se de uma literatura mais recente: “Tempo de Heróis”, de Vitor Beal¹⁷. O texto de Beal também foi elaborado cultuando o pioneirismo do desbragamento. A obra de Beal foi publicada em 2009 e tem alcançado reconhecimento na sociedade local.

1. “Toledo e sua História”: A Construção de um Passado

Um dos livros mais significativos do “Projeto História” é o livro de Oscar Silva e colaboradores “Toledo e sua História”. Clori Fernandes Maciel¹⁸, Rubens Braganollo¹⁹ auxiliaram na redação e Vera Lúcia Nichetti²⁰ foi a datilógrafa. “Toledo e sua História”²¹ foi publicado em 1988 e, ao que tudo indica, o lançamento do mesmo deve ter ocorrido no dia 14 de Dezembro, dia do aniversário do município²².

Oscar Silva nasceu em Santana do Ipanema em 1915, no Estado de

acervo, advindos de doações e de aquisição, não foram mais catalogados, devido a organização da mudança do museu para um outro prédio.

¹⁶ NIEDERAUER, Ondy Hélio. **Toledo no Paraná**: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso. Toledo: Grafo-Set Impressões; Manz Etiquetas Adesivas Ltda., 1992.

¹⁷ BEAL, Vitor. **Tempo de Heróis**. História de Toledo ,oeste do Paraná: a parte esquecida que o tempo não conseguiu apagar. Toledo: GFM Gráfica e Editora, 2009.

¹⁸ Clori Fernandes nasceu em Concórdia-SC na época da confecção de “Toledo e sua História” era acadêmica de Ciências Sociais Econômicas. SILVA, op. cit., p. 496.

¹⁹ Rubens Braganollo é natural de Iporã-Pr, professor de filosofia, SILVA, op. cit., p. 496.

²⁰ Vera Lúcia Nasceu em Toledo-PR, licenciada em Filosofia. SILVA, op. cit., p. 496.

²¹ SILVA, Oscar; BRAGANOLLO, Rubens; MACIEL, Clori Fernandes. **Toledo e sua História**. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1998.

Alagoas. Silva trabalhou em diversos órgãos públicos estaduais e federais de Alagoas. Era militante de Esquerda, atuante político, fazendo militância inclusive em Toledo pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) e no Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Oscar Silva produziu outras obras durante a sua vida como *Fruta de Palma*²³, assim, como participou da elaboração de obras conjuntas sobre a história da colonização²⁴. A obra de Oscar Silva, “Toledo e sua História”, pode ser considerada como a síntese dos trabalhos desenvolvidos pelo “Projeto História”, pois sua elaboração segue os parâmetros do projeto, no que diz respeito à elaboração da rememoração do pioneirismo toledense. O livro contém 495 páginas divididas em quatro partes, sendo elas: I Pré-colonização, II Colonização, III Emancipação, IV Evolução.

Em um primeiro momento, o autor constrói o cenário de Toledo e da região Oeste, enfatizando o cenário inóspito do lugar, falando da mata fechada da insalubridade da região. Também comenta sobre os indígenas que ali habitavam, assim como traz um panorama dos primeiros estrangeiros europeus e latino americanos, que passaram por estas terras. Outro ponto abordado pelo autor neste capítulo é a questão é a passagem da Coluna Prestes pelo Oeste do Paraná.

Na parte II (Colonização), Oscar Silva trata do processo de colonização, onde cria um ambiente linear “explicativo”, justificando o processo pelo rastro da Coluna Prestes. Os outros subtítulos deste capítulo são “desbravamento”, “Colonização” e “Pioneirismo” que tratam do processo de colonização da região Oeste do Paraná, exaltando as dificuldades dos primeiros anos da colonização.

A parte III (Emancipação) e Parte IV tratam da criação do município e do desenvolvimento econômico da cidade.

²² LANGARO, Jiane Fernando. **Quando o futuro é escrito no passado**: “colonização” e pioneirismo nas memórias públicas de Toledo – PR (1950-2010). São Paulo: PUC-SP, 2012. Tese 61.

²³ SILVA, Oscar. **Fruta de Palma**: crônicas nordestinas. 2 ed. Cascavel/PR: Assoeste. 1990.

²⁴ Segundo Langaro, “Percebemos que Silva iniciou seus trabalhos, com as memórias públicas de Toledo, na imprensa, principalmente em revistas como *Geração em revista* e *Recado*, que compilavam dados históricos e contemporâneos do município em textos relativamente curtos. Suas versões sobre o local ganham corpo com a organização de uma outra obra alusiva aos 25 anos do legislativo municipal, com a escrita daquelas produzidas no “projeto História” e posteriormente, com a publicação de *Toledo Existe*, uma coletânea de matérias veiculadas na imprensa e no rádio, meios onde adquiriu grande visibilidade” (LANGARO et. al. Op. cit., p. 58-59).

No conjunto, a obra é organizada de forma a exaltar, enaltecer os trabalhos feitos por determinados sujeitos, denominados “pioneiros”. A narrativa é construída de forma a credenciar determinados sujeitos que são reconhecidos como construtores responsáveis pela criação e crescimento da cidade de Toledo, como mostra Langaro:

Nos textos que compõem a obra, determinados personagens do período “colonizatório” foram destacados como “líderes” que teriam guiado a “comunidade” local nos primeiros tempos. Em torno deles, foram construídas memórias que diluíam as hierarquias sociais e os colocavam como aqueles que ajudaram a população local a seguir no caminho “correto”, em direção ao “progresso”. Foi assim que em “Toledo e sua História” houve uma tríade de “lideranças”: os dois diretores da Maripá e o primeiro pároco, cujas trajetórias e ações são detalhadas no esforço de torná-los protagonistas memoráveis, diferentemente da maioria que emergia no texto de maneira secundária, muitas vezes, a partir de referências coletivas e não como pessoas de “carne e osso”.²⁵

Em seu discurso Silva, elabora uma mitificação de três sujeitos sendo eles: Alfredo Pasqual Ruaro²⁶, Willy Bath²⁷ e Padre Antônio Patuí²⁸. O livro de Silva, ao centralizar a narrativa em cima de destes três sujeitos, abranda conflitos inerentes a colonização e cultua o pioneirismo. Estes sujeitos representavam determinados segmentos da sociedade – os dois primeiros são empresários e o terceiro um religioso católico. Ou seja, temos aí a construção de uma memória que atende interesses de determinados segmentos sociais, projetadas para toda a sociedade local. Neste sentido, como analisa Pollak:

A memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças

²⁵ LANGARO, op. cit., p. 68-69.

²⁶ Alfredo Paschoal Ruaro, nasceu em 1913 em um distrito de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Ruaro chegou em Toledo em 1946, como diretor da Empresa colonizadora S/A (Maripá). Atualmente reside em Balneária Camburiu. Disponível em: <http://www.toledo.pr.gov/noticia/administração> 21/08/13.

²⁷ Willy Barth assumiu a direção da Companhia Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S. A – Maripá em 1949. Em 1960 foi eleito prefeito de Toledo pelo PTB, até o seu falecimento em 1962. SILVA, op. cit. p. 83.

²⁸ Padre Antônio Patuí chegou a Toledo em 1946, realizando a primeira missa em 30 de julho deste mesmo ano. Também foi responsável pela criação da primeira escola de Toledo o Colégio das Irmãs. SILVA, op. cit. 126.

constantes²⁹.

Deste modo, o livro segue uma narrativa memorialística sobre a colonização e desenvolvimento de Toledo. Mas, essa rememoração do processo de colonização, não expõem todos os elementos participativos do processo em questão, pelo contrário, o mesmo proporciona a hierarquização dos grupos sociais que tiveram envolvimento na colonização de Toledo.

Em outros termos, a obra assenta-se sobre o discurso do “pioneirismo”, discurso que privilegia um grupo social dentro do processo de colonização. Este discurso é elaborado de forma a agregar os interesses do grupo predominante de uma sociedade. Tendo em vista que o pioneirismo, não é um discurso único, que responde aos interesses de todos os tipos de sociedade que passaram por processo de colonização, devemos considerar diferentes dimensões da formação e auto-afirmação das cidades colonizadas, identificando em cada período, tanto durante o processo de colonização quanto no pós-colonização as variáveis que estabelecem determinados sujeitos como pioneiros e elimina outros deste contexto, como aponta Alex Andrade (2009):

Os pioneiros são sujeitos sociais construídos nas experiências históricas, tensões disputas entre os grupos sócias no processo de colonização. Os pioneiros constituem-se nesse processo como um grupo social e político sobre o qual problematiza-se o processo de formação de memórias coletivas e de identidade cultural³⁰.

Sendo assim, o pioneirismo deve ser analisado de forma crítica, quanto às distinções que atribuem a determinados sujeitos. Tais sujeitos ao terem seus nomes lembrados e homenageados em festividades, em obras literárias e entre outros proporciona a elaboração de representações sociais dos mesmo como “construtores de uma sociedade”. Já outros, são esquecidos por esta história oficial. Deste modo, este processo de consolidação dos pioneiros, pode-se agregar indivíduos que não colaboraram no processo, e é dado aos mesmos a nomeação de pioneiros, deixando de questionar as contribuições dos demais sujeitos sociais desta

²⁹ POLLAK, Michel. **Memória e identidade coletiva**. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro. Vol.5, n. 10, 1992. 200-212. p.01.

sociedade³¹.

E para justificar a nomeação destes homens como “pioneiros”, Oscar Silva levanta elementos que justificariam a “importância” de determinados homens para o desenvolvimento” de Toledo. Para isso, o autor traz várias vezes para a sua narrativa elementos que buscam legitimar “heróis”, de homens fortes desbravadores como no trecho a seguir:

A grande tarefa de Alfredo Ruaro teria de Começar com a abertura de estradas e clareiras no meio de uma selva inóspita³².

A fala de Silva traz um tom mistificante para a imagem Alfredo Ruaro. No entanto, quando Silva faz menção aos outros participantes do processo de colonização, a narrativa já não tem o mesmo direcionamento como é o caso do trecho a baixo:

Os chamados pioneiros do seu contingente eram, em sua maioria, simples camaradas de trabalho braçal ou peões, salvo o caso de mecânicos e outros elementos envolvidos diretamente com a liderança dos serviços. Não seria racional, pois, esperar dessa peonada idealístico espírito de sacrifício por uma causa que só mais tarde viria a ser comum para todos os empenhados na tarefa da colonização³³.

Por mais que Silva diga que estes homens que fizeram os trabalhos braçais participaram da colonização de Toledo, o mesmo enfatiza que “eram, em sua maioria, camaradas de trabalho braçal ou peões”. Deles não se poderia “esperar dessa peonada idealístico espírito de sacrifício”. Assim, ao tratar destes homens que não tiveram participação política, que não foram responsáveis pela formulação dos projetos da colonização e que não tiveram “ideais revolucionários”, relega-os a margem deste processo, quando sabemos que contribuíram cada qual a seu modo durante a colonização.

Porém, a construção deste processo que enaltece a figura do “pioneiro”,

³⁰ ANDRADE, Alex, Sandre Marques. **O discurso do pioneirismo e suas representações**: Tangará da Serra, MT (1976-1997). 2009. Porto Alegre: PUC-RS, 2009. Dissertação.

³¹ Ibidem.

³² SILVA, op. cit., p. 64.

criando um mito de um homem desbravador, destemido e criador, não é somente desleal ao processo histórico deste período quando deixa de lado as outras parcelas da população do processo, os indivíduos que não são lembrados, assim, como é ufanista, bem como promove a separação dos gêneros, de modo a não analisar as inter-relações entre homens e mulheres.

Toda a narrativa de “Toledo e Sua História” traz a figura do masculino de forma centralizadora. Além disso, devemos lembrar que o masculino, explorado no livro, é o da figura dos grandes empresários colonizadores, bem como pequenos agricultores que são frequentemente relembrados como pioneiros e desbravadores. Durante a leitura do livro pode-se perceber a exaltação dos feitos destes homens, como por exemplo a figura de Alfredo Ruaro, que foi um dos diretores da Maripá, como demonstrado neste trecho:

O comandante, o bandeirante, o grande chefe do pioneirismo no Extremo-Oeste do Paraná chamava-se e felizmente se chamava se chama Alfredo Paschoal Ruaro³⁴.

Nesse fragmento evidencia-se a perspectiva do autor quanto ao papel do homem no processo de colonização. O homem então seria o chefe, o comandante das ações empreendedoras. Tais homens são sempre lembrados por seus nomes e sobrenomes, com suas “devidas” honrarias. O homem é lembrado como o chefe, o empreendedor, o colono destemido, estando sempre á frente das principais ações do processo de colonização. Oscar Silva, como já falamos, enfatiza como líderes do processo de colonização Alfredo Ruaro e Willy Barth, tomando os dois como os responsáveis pelo “desenvolvimento” da colônia como se observa no fragmento a seguir de seu livro:

Por seu lado, vendo concluído o trabalho de pioneirismo, Alfredo Ruaro parecia sentir-se como peixe fora d'água e de malas arrumadas para exercer as mesmas funções de bandeirante em outras plagas paranaenses e a serviço de outra empresa, no caso a Pinho e Terras. E passou o comando ao timoneiro Willy Barth, em 1949³⁵.

³³ Ibidem, p. 64.

³⁴ Ibidem, p. 62.

³⁵ Idem, p. 66.

Neste trecho podemos evidenciar a criação de elementos que qualificam determinados sujeitos como “heróis”, como “pioneiros”, como a Alfredo Ruaro ao qual é atribuído o papel de criador, de responsável pela colonização quando. O autor afirma que o mesmo fora embora da cidade depois de a ter colonizado, passando os trabalhos para a continuação da colonização nas mãos de Willy Barth.

Esse discurso – do pioneirismo -, exclui outros grupos e sujeitos sociais da história, entre os quais os caboclos, peões de fazenda, arrendatários, meeiros, indígenas entre outros. Também exclui as mulheres. Neste discurso a ações das mulheres também não é lembrada ou quando é lembrada a ela é atribuído um papel secundário. No entanto, sabemos que a mulher é sujeito da história. Elas foram co-autoras no processo de colonização, que assim, como os homens que não foram lembrados englobados no discurso do “pioneirismo”, elas também, não são questionadas sobre as suas colaborações durante este período.

O colono trabalhado na obra de Oscar Silva é descrito como o homem desbravador que enfrentou a “selva” do Oeste do Paraná, que se sacrificou, que pôs o trabalho e o progresso á frente de sua vida e seu bem estar. No entanto, o autor, ao falar de colono, se refere à figura do homem. Silva não confere a mesma credibilidade às mulheres, esposas e filhas destes homens. Para elas cabe, quase exclusivamente, uma citação de seu nome e do sobrenome, que advém do casamento do marido. São raras as passagens descritivas da vida no campo, e quando feitas, as mulheres citadas são aquelas cujos esposos são citados como responsáveis pelo processo de colonização, segundo a ótica do autor.

Estes homens citados na obra de Oscar Silva foram os que o Projeto História legitimizou como pioneiros. As mulheres não são citadas com freqüência na narrativa. Elas são citadas em pequenos trechos do livro, e sempre ao lado das citações referentes aos feitos de seus esposos.

Entretanto, por mais que Oscar Silva não tenta exposto a participação destas mulheres na colonização de Toledo, por mais que a sua análise sobre as mulheres seja minimizadora do papel exercido pelas mesmas, em detrimento ao papel dos homens, o seu texto nos oferece vestígios que demonstram a participação e a contribuição das mulheres em diferentes espaços sociais, como se podemos

observar no fragmento a seguir.

O cotidiano do colono transcorria mais ou menos assim: levantava-se antes do sol raiar. Vestia suas Roupas de trabalho e ia para cozinha, o principal cômodo da casa.

Sentavam-se os sulistas, **marido e mulher**, á beira do fogão a lenha, para tomar seu chimarrão. Os nortistas tomavam apenas um cafezinho.

Terminado o ritual, a **mulher** tirava o leite das vacas e o homem tratava os animais.

O leite, então, era posto a ferver e a polenta a esquentar sobre a chapa do fogão.

Em seguida a família fazia a sua primeira refeição.

Terminado o café, alguns dos filhos iam para a escola e o resto da família rumava para a roça. O sol estava nascendo.

No meio da manhã, alguns tiravam um tempinho para uma rápida merenda, alguma coisa da mesa do café.

A **mulher** deixava a roça antes dos outros e ia para casa preparar o almoço, que era servido geralmente ao meio-dia.

Perto do pôr-do-sol o dia da roça terminava, mas não o trabalho, pois, chegando em casa, iam cortar o pasto, arrancar mandioca ou buscar abóboras para alimentar os animais.³⁶

Neste fragmento, podemos evidenciar o trabalho exercido pelas mulheres nos anos iniciais da colonização. Fica evidente que as mulheres tinham uma jornada de trabalho nos três períodos. Na parte da manhã, cuidavam do preparo da primeira refeição do dia, o café da manhã, tiravam o leite, depois trabalhavam ao lado do marido na lavoura. O almoço também ficava a cargo das mulheres, que no período da tarde voltava para roça, e, ao chegar em casa, depois de um longo dia no campo, partia para a terceira jornada de seu dia, arrancando mandioca e cortando o pasto. E não podemos esquecer, como nos mostra Davi Schreiner, que além destes afazeres a mulher também era responsável por cuidar da casa em tudo que diz respeito aos afazeres domésticos:

Na família rural do Extremo Oeste do Paraná, todos os membros da família, consideradas as diferenças de idade, sexo e força, participam da produção. Os homens lidam com a lavoura e a criação de animais. A mulher toma conta dos filhos, dos serviços domésticos, da criação de animais, auxiliada pelos filhos menores. Assim, na agricultura do Extremo Oeste do Paraná, a família é uma unidade de produção autônoma, pois todos os componentes da

³⁶ Ibidem, p.162-163.

família são envolvidos no trabalho da lavoura³⁷

No texto de Schreiner, fica evidente a participação das mulheres na organização da vida cotidiana da família rural e das relações sociais para além dela. Na mesma direção, embora se verifique que Silva, em apenas poucas passagens do livro fale sobre as atividades das mulheres, o fragmento inserido acima, demonstra quão importante era a participação destas na vida cotidiana, no trabalho e na reprodução das famílias no espaço rural. As mulheres tinham uma jornada de trabalho que se prolongava por três períodos (manhã, tarde e noite). Percebemos claramente que a mulher teve uma participação ativa, mas que, no entanto, não foi lembrada, via de regra, como protagonista do processo de colonização.

As mulheres são lembradas em trechos como este, que relatam de certa forma o cotidiano dos primeiros anos da colonização. Porém, estes são trechos esporádicos da obra, o que torna estes momentos ilustrativos do cotidiano, que dão as mulheres uma posição inferior aos homens, pois, por mais que tenham colaborado, intervindo no processo, as mesmas não são relatadas de forma extensa como é feito com os nomes dos homens, seus esposos. Quando são citados os nomes de mulheres, que participaram do processo de colonização, esses sempre vem depois do nome dos seus maridos. Observemos a citação a seguir:

Durante os dias finais daquele mês de março e da primeira quinzena de abril de 1946, o que havia à margem esquerda do arroio Toledo não era não era muito mais do que uma espécie de acampamento de caçadores ou pescadores, embora três meses depois ali já estivessem vivendo, como em seu próprio lar, o casal formado por Zulmiro Ruaro e esposa Virgínia, acompanhados de seus filhos.³⁸

As mulheres somente são lembradas como esposas de “pioneiros”, mas as suas contribuições as suas vivências não são abordadas. Ou seja, a rememoração de sujeitos como “pioneiros” contribui para o silenciamento de outros sujeitos sociais, de suas práticas, de como viveram e interpretam suas experiências passadas, entre os quais as mulheres.

³⁷ SCHREINER, Davi Félix. **Cotidiano, trabalho e poder**: a formação da cultura do trabalho no extremo Oeste do Paraná. 2. Ed. Toledo: Editora Toledo, 1997.

2. “Toledo no Paraná”: A Elaboração de Uma Visão Memorialista

Outra obra memoralística é o livro de Ondy Helio Niederauer “Toledo no Paraná a história de um Latifúndio Improdutivo, sua Reforma Agrária, sua Colonização, seu Progresso”³⁹ que teve sua primeira publicação em 1992, quatro anos depois da publicação de “Toledo e sua história” durante o mandato do então prefeito Luiz Albert de Araujo⁴⁰. Em 2004, o livro de Niederauer teve uma segunda publicação.

Ondy Helio Niederauer nasceu em 1923 Santa Maria, Rio Grande do Sul. Fora contador e, em 1950, veio para Toledo para trabalhar na Industrial Madeireira e Colonizadora Rio Paraná (MARIPÁ). Trabalhou na fazenda Britânia até 1960. Depois disto Niederauer atuou em várias frentes, como professor, contador, vereador de 1953-1956.

Apesar de Niederauer ter participado do “Projeto História”, “Toledo no Paraná”, foi publicado um ano após a morte de Oscar Silva e após a saída de Niederauer do Projeto. O livro de Niederauer diverge em alguns aspectos da perspectiva do “Projeto História”. O enfoque maior da obra é para o trabalho desenvolvido pela colonizadora Máripa, tendo início com a gestão e de Willy Barth.

O autor elabora uma narrativa a partir da sua própria perspectiva do processo de colonização. Sua narrativa é direcionada para os anos de 1950, onde dá enfoque aos “desenvolvimentos” econômicos e urbanos, pelos quais a cidade passou desde o início da colonização até os anos de 1960. A obra de Niederauer está dividida em subtítulos que tratam desde o caminho do Peabiru⁴¹, as reduções Jesuíticas⁴², os

³⁸ SILVA, op. cit., p. 65.

³⁹ NIDERAUER, Ondy Helio. **Toledo no Paraná**: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso. 2 ed. Toledo : Tolegraf, 2004.

⁴⁰ Luiz Alberto de Araújo foi prefeito de Toledo entre os anos de 1989 e 1992, eleito pelo PMDB.

⁴¹ “Nome de Origem tupi, que os índios davam ao caminho Transcontinental que ligava o Peru, no Oceano Pacífico, com São Vicente, no Atlântico. É um caminho pré-colombiano, i.é., existente antes do descobrimento da América. O Peabiru partia de S. Vicente, ou de Cananéia no litoral paulista, atravessava a Escorpa do Mar, penetrando pelo vale do rio Ribeira do Iguape, transpunha os campos Gerais, ultrapassava os rios Tibagi, Ivai Piquiri, e pelo vale deste último atingia a região das Sete Quedas no rio Paraná; atravessava este rio, penetrava em território paraguaio, e, vencendo a Cordilheira dos Andes, terminava no litoral peruano. Possuía numerosas ramificações para o norte e

estrangeiros bem como do processo de colonização à emancipação do município.

Nas 247 páginas do livro o autor constrói a narrativa de forma mista, ora o livro apresenta uma narrativa “informativa”, ora o texto é elaborado com tom de rememoração. O autor recorda alguns fatos que diz ter vivido que teriam feito parte de sua memória pessoal. Como fonte, ele utiliza entrevistas orais e fotografias do Museu Histórico Willy Barth, documentos elaborados pela colonizadora Maripá, bem como obras memorialistas sobre Toledo.

A obra de Niederauer também trabalha com as significações do pioneirismo. No entanto, diferentemente de “Toledo e sua História”, o livro de Niederauer traz a figura de Zulmiro Antônio Ruaro⁴³ como principal “fundador” em detrimento da imagem de seu irmão e diretor da Colonizadora Maripá, Alfredo Paschol Ruaro. Isso pelo fato do primeiro ter se estabelecido moradia com a sua família em Toledo e participado dos primeiros anos da colonização, enquanto que o segundo, para o autor, é reconhecido como responsável pela primeira comitiva a chegar na colônia, no entanto, não residiu na cidade, sendo apenas responsável pelo projeto colonizador. Porém, o nome que se sobraçai é o de Willy Barth, pois, para o autor, a colonização somente pode ser considerada como um feito grandioso e vitorioso após Barth ter assumido os comando da madeireira Maripá, bem como pelo processo de reforma agrária pelo ocorrido no município nos anos da gestão de Willy Barth.

No entanto, assim como na obra de Oscar Silva, em “Toledo no Paraná” também são enaltecidos determinados nomes de homens, que segundo o autor foram responsáveis pelo processo de colonização. Dentre estes nomes podemos citar, o de Alfredo Paschoal Ruaro, Zulmiro Ruaro, Egon Werner Bercht⁴⁴, Wilson Carlos Kuhn, entre outros homens que são lembrados como pioneiros de Toledo.

para o sul” (WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Ed. Vicentina, 1998. p. 65-66).

⁴² “Enquanto os portugueses continuaram no litoral, os espanhóis povoaram a região oriental do Rio Paraná. Com padres jesuítas e alguns espanhóis constituíram a chama Província Jesuítica del Guairá. Em 1588 já haviam fundado mais de 50 núcleos indígenas, entre os rios Iguaçu, Paranapanema, Paraná e Tibagi. A população era de 200.000 índios. Chamava esse núcleo indígenas de reduções Jesuíticas, onde os Índios eram pacificados, e convertidos ao catolicismo” (NIEDERAUER, op. cit., p. 11).

⁴³ Zulmiro Paschol Ruaro chegou em Toledo em 27 de março de 1946, juntamente com o primeiro comboio a chegar a cidade. Tempos mais tarde trouxe sua mulher Virgília Ruaro e seu Filho para morarem na colônia.

Na obra, entretanto, poucas vezes nomes de mulheres são citados e quando se faz referência as mesmas, não há uma análise ou mesmo abordagem, sobre a suas experiências durante a colonização. Uma das poucas mulheres que são lembradas é Virgínia, esposa de Zulmiro Ruaro como podemos ver no trecho abaixo:

Zulmiro Ruaro, que tinha ido ao Rio Grande do Sul tão logo ficarão prontas as três casas, voltara trazendo a esposa dona Virgínia e o filho Irineu com 7 anos. A partir de então a cozinha a cozinha ficou a cargo de dona Virgínia, aquém cabia satisfazer a fome dos trabalhadores, que às vezes chegavam a cem homens, quando todos se reunião na sede⁴⁵.

Dona Virginia era a responsável pela preparação da alimentação dos primeiros “acampamentos” da colônia, tendo que alimentar várias pessoas. Outra mulher lembrada no texto de Niederauer é: Dona Gentila Ruaro Wiezzer⁴⁶, Gentila Ruaro chegou à Toledo em 1948 acompanhada de seu esposo Ernesto Wiezzer. Era cozinheira e seu esposo encarregado de chefiar peões no Porto Britânia; a esposa de Willy Barth dona Diva Pain Barth, que chegou à Toledo em 1950, era casada com Willy Barth, um dos diretores da Colonizadora Maripá. Entretanto, na medida em que o texto discorre sobre acontecimentos, são lembrados, como responsáveis pela colonização de Toledo, os homens. O masculino é sempre lembrado de forma a estar à frente das ações empreendedoras. Quando a mulher é lembrada, ela aparece na narrativa sempre à “sombra do marido”, auxiliando-o em sua vida de sacrifícios e conquistas.

O livro de Niederauer, apesar de trazer trechos de entrevistas feitas pelo museu Willy Barth, que entrevistou mulheres e homens durante o projeto história, trabalha em sua maioria com entrevistas de homens como a de Alfredo Pascoal Ruaro. As mulheres, quando são lembradas, são citadas como esposas. As poucas que têm os nomes lembrados são a mulheres dos homens que tiveram maior visibilidade no processo de colonização, como é o caso de Virgínia Ruaro, que chegou a Toledo em 1946 acompanhada de seu esposo Zulmiro Paschoal Ruaro um exemplo é o trecho a seguir:

⁴⁴ Foi um dos diretores da empresa Companhia Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S. A. (Maripá),

⁴⁵ NIEDERAUER, op. cit., p. 83-84

⁴⁶ Cf. Ata de Registro de “pioneiros”, do Museu Histórico Willy Bath.

Conta dona Virgínia, que a cozinha tinha um fogão de duas chapas deitadas sobre uma armação de barro e pedras. Havia via quatro panelões, algumas panelas menores, chaleiras e outras materiais como talheres pratos e xícaras⁴⁷.

No entanto, houve outras mulheres que também participaram do processo de colonização e também vivenciaram estas dificuldades relatadas por dona Virgínia, como é o caso de Dona Ermelinda Scain, que chegou a Toledo em 1947, vinda de São Marcos, Rio Grande do Sul, para trabalhar com Virgínia na cozinha da pensão⁴⁸:

Junto com a Verginela, num sei como é o nome... Verginela a muié do patron... na penson dela eu vim cum ela fazê cumida, nós morava lá na Vila Brasil, lá onde que fizeo aquele... coiso de pioneiro...⁴⁹

No depoimento de Ermelinda, podemos observar que havia outras mulheres que tiveram de se adaptar e trabalhar durante o processo de colonização, que também enfrentaram dificuldades iguais e ou semelhantes as vividas pelos homens, seus esposos, pais, irmãos.

3. “Tempo de Heróis”: Narrativas de Heroicização

O livro de Vitor Beal “Tempo de Heróis. A Parte Esquecida da História de Toledo, que o Tempo não Conseguiu Apagar”⁵⁰, de 2009, foi escrito sob a égide de uma memória oficial de Toledo, produzida e financiada pelo poder público municipal, já consolidada, com seus “heróis” estabelecidos. Eles, também a partir de ações e financiamento do poder público municipal, são lembrados em espaços públicos. A praça Willy Barth é um exemplo.

⁴⁷ NIEDERAUER, op. cit., p. 84.

⁴⁸ TIZZIANE, Maria Eva. **Mulheres na colonização de Toledo** (1946-1956). Marechal Cândido Rondon/PR: PPGH/Unioeste, 1999. Dissertação. p. 24

⁴⁹ Ibidem, p 27.

⁵⁰ BEAL, Vitor. **Tempo de heróis**. História de Toledo, Oeste do Paraná: a parte esquecida que o tempo não conseguiu apagar. Toledo: GFM Gráfica e Editora, 2009. p. 490.

Criada em 1950, com o nome de “Praça Barão do Rio Branco”, passou a se chamar “Praça Willy Barth” em 1962 e, desde então, foi modificada por diversas vezes (em 1960, 1988, e 1999 e 2007). A praça está localizada no centro de Toledo em frente à catedral, próximo ao centro cultural Oscar Silva, onde funcionam a biblioteca pública e o museu histórico Willy Barth, outro espaço de produção de memórias. Na Praça estão dispostos monumentos que homenageiam os “pioneiros”. Na mesma praça, outro monumento é a escultura de madeira de 1999, criada para homenagear a família Ruaro.

Há ainda outros lugares da cidade nos quais se destacam elementos que reforçam as virtudes e os feitos dos “pioneiros”. Um deles, muito conhecido e frequentado pela população local, é o “Lago dos Pioneiros”, localizado no Bairro Pioneiro. O lago também conta com monumentos aos “pioneiros”.

Neste contexto de reafirmação do pioneirismo, Vitor Beal busca elaborar uma narrativa acerca do passado, destacando os acontecimentos, bem como os sujeitos que ele considera como protagonistas do processo de colonização. O autor utiliza em sua narrativa entrevistas e suas próprias impressões, bem como fontes e textos da prefeitura, além de fotos do seu acervo pessoal.

Vitor Beal, nasceu em 1943 na cidade de Joaçaba, Santa Catarina. Vitor chegou em Toledo em 1952, onde reside até os dias atuais. Ele é comerciante e agricultor, já atuou e atua em várias áreas sociais e culturais na cidade de Toledo, foi jogador de futebol, presidente do Rotary Club de Toledo entre outras atividades, que lhe dão grande visibilidade⁵¹.

O livro de Vitor Beal, “Tempo de Heróis” está organizado em sete partes, em sua maioria é constituída de relatos de “pioneiros”, que tratam de fatos do cotidiano dos primeiros anos da colonização. O livro de Beal teve grande divulgação na mídia local, contando com o apoio de nomes notoriamente reconhecidos como pioneiros de Toledo. O texto traz um tom mitificante destes homens ditos “pioneiros”.

Beal justifica o seu livro a partir de seu objetivo de identificar sujeitos denominados por ele como “pioneiros”, como podemos observar abaixo:

⁵¹ Ibidem, p. 506.

Este é um livro desprovido de qualquer intenção de que sua leitura seja utilizada para a linha didática ou acadêmica. Ou seja, é um livro inteiramente focado e direcionado com a finalidade de deixar registros para a posterioridade, a história fiel daqueles pioneiros de hábitos simples e generosos que, apesar de terem participado de uma forma ou de outra para o desenvolvimento de Toledo com importantes contribuições, permanecem no anonimato, no que tange ao registro de seus nomes na nossa história⁵².

No entanto, podemos verificar em seu livro um grande número de indivíduos que já são rememorados em outras obras como “pioneiros”. Em sua maioria, os nomes lembrados são os mesmos de sempre, os que já são reconhecidamente os “criadores de Toledo”, os desbravadores. Nas 522 páginas de “Tempo de Heróis”, o autor reconta histórias “vivências dos pioneiros”, das dificuldades enfrentadas e das alegrias dos primeiros anos da colonização dentre estes homens e mulheres.

O livro de Beal, também é pautado pela égide do conceito de pioneirismo, de exaltação de determinados grupos da sociedade que já foram considerados como “pioneiros”, como sendo os responsáveis, portanto, os verdadeiros “heróis” das ações e instituições que promoveram a colonização.

No entanto, a grande matiz do problema do conceito de “pioneirismo”, esta na sua segregação entre os sujeitos, podemos perceber que este “pioneirismo” cria, recria um ambiente para satisfazer determinados grupos de uma sociedade que por motivos adversos, como poder aquisitivo, visibilidade social, tendem a terem seus nomes e feitos rememorados de forma a eliminar da história as contribuições dos demais sujeitos que participaram deste processo no caso do processo de colonização de Toledo.

O livro de Beal traz outra questão para analisarmos, pois como já falamos acerca dos livros anteriores - o de Oscar Silva e o de Ondy Niederauer -, não discutem sobre o trabalho desenvolvido pelas mulheres e ações. Já na obra de Beal podemos perceber o mesmo problema, com a diferença que o discurso do pioneirismo também recai sobre a história das primeiras mulheres que chegaram à Toledo.

⁵² Ibidem. (Prefácio).

Beal ao tratar dos trabalhos desenvolvidos por mulheres recria uma história das “pioneiras de Toledo”, exaltando determinadas figuras recriando uma ambiente de heroicização de determinadas mulheres, este tipo de discurso exaltador de determinados grupos da sociedade em detrimento de outros, causando uma desqualificação das outras partes envolvidas no processo, e neste caso esta exaltação recai para determinadas mulheres, mesmo que reproduzindo mitos e estereótipos, como analisa Joana Maria Pedro:

Carregadas de estereótipos, estas análises reforçam mitos ora da suprema santidade, ora da grande malvadez das poucas mulheres que ocupam algum cargo de destaque nos governos e/ou nas guerras⁵³.

Ou seja, elabora uma história das “mulheres pioneiras”. Deste modo, a obra de Beal, ao trazer as Histórias das “Damas de Ferro do Oeste”, promove a separação dos sujeitos sociais envolvidos no processo de colonização e suas contribuições.

Devemos lembrar que, o “pioneirismo” constitui-se de uma conotação excludente tanto quando se fala da história recriada para homens ou mulheres, pois os elementos que dão base para a denominação de sujeitos como tais, proporciona a separação por ordem de “importância” dos sujeitos o que conseqüentemente excluí a participação de vários elementos contribuintes do processo.

O terceiro capítulo do livro de Beal - “As Damas de Ferro do Oeste”⁵⁴- traz entrevistas feitas com mulheres que participaram do processo de colonização de Toledo. Essas entrevistas são do documentário “As Damas de Ferro do Oeste”⁵⁵, trabalho realizado por estudantes do curso de bacharel em Comunicação Social e Habilitação em Jornalismo da Faculdade Sul Brasil.

As entrevistas expostas neste capítulo são de Maria Galante Dal Bosco, Gentila Ruaro Wiezzer, Emazir de Lima Batista, Assumpta Meneghini Donin, Rosa Cerutti, Alice Odiles Formighieri da Silva, Tereza bottim e Emília Maria Leduc Beal.

O próprio nome do capítulo traz uma conotação mitificante para estas

⁵³ PEDRO, Maria Joana. **Traduzindo o debate**: ousos da categoria gênero na pesquisa histórica. História, São Paulo, V. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. p. 84.

⁵⁴ Ibidem, p. 279-289.

mulheres, o que de certa forma coloca-as em situação de superioridade em detrimento de outras mulheres. A história das mulheres não deve ser pautada como disputa de força e poder com uma história das mulheres em oposição a uma história dos homens, pois assim, os elementos apenas se invertem, deixando-se de fazer uma história das mulheres como sujeitos, que se constituem nas e produzem vivências.

Como sugere o título do capítulo da obra em análise, “As damas de Ferro do Oeste”, o texto do autor constrói um cenário lúdico. Nos trechos que o autor utiliza das entrevistas, as mulheres falam das dificuldades dos primeiros anos da colônia, dos sacrifícios que tinham que fazer, da falta de recursos financeiros, de como conheceram seus maridos, como criaram seus filhos. As entrevistas estão fragmentadas, dispostas em pequenos trechos, selecionadas pelo autor.

Apesar de Beal trazer neste capítulo apenas falas de mulheres, podemos identificar nestas entrevistas elementos que evidenciam a colaboração de homens e mulheres para o processo de colonização como podemos observar no trecho da entrevista de Maria Terezinha Galante Dal Bosco⁵⁶:

“Toledo era só umas casinhas tudo pequenininha feita de madeira, e tinha igreja não muito grande, também de madeira e tinha o tipo de um empório que tinha mantimento para comprar” [...] “Eu era a mais velha das filhas, então tinha que tomar conta da casa. A mãe ia para roça com meu pai e irmãs mais velhos e *eu ficava cuidando da casa*”⁵⁷.

Maria chegou a Toledo em 1948 acompanhada de seu esposo Silvio Dal Bosco. Ela era responsável pelos afazeres domésticos e da criação dos nove filhos e seu esposo Silvio era Carpinteiro. Neste trecho de sua entrevista, podemos perceber que as mulheres, eram com seus esposos responsáveis e atuavam para o funcionamento das unidade familiar, para a produção das condições materiais de existência e para a reprodução das famílias. No caso de Maria Galante Dal Bosco, que chegou a Toledo ainda criança com seus pais, e na posição de filha mais velha tinha que cuidar da casa, assumindo função atribuída no âmbito da manutenção da família.

⁵⁵ Ibidem, p. 279-289.

⁵⁶ Cf. Ata de Registro de “pioneiros”, do Museu Histórico Willy Bath.

No entanto, por mais que este papel social atribuído ou imposto para as mulheres esteja calcado na máxima que as mulheres só fazem parte do espaço doméstico, sendo designadas de forma estereotipada como “A rainha do lar”, e, assim, ocultando o trabalho rural, bem como, outras atividades realizadas por elas. Existem fragmentos que evidenciam às mulheres como sujeitos na colonização do atual município de Toledo. Na fala de Dona Maria fica claro a participação de sua mãe nos trabalhos juntamente com o seu pai, os dois trabalhavam na lavoura, bem como a participação na vida social para além da família.

Durante os primeiros anos da colonização a Igreja, a religião eram muito importantes para as famílias, que em sua maioria faziam parte da Igreja Católica⁵⁸, se respeitavam as doutrinas como a presença nas missas.

“Nós vinha na missa em Toledo na catedral, de a pé. Tudo de a pé. De lá de Xaxim até Toledo eram sete quilômetros e pouco”⁵⁹.

Na fala de Maria Galante Dal Bosco, podemos evidenciar a importância dada à religião, quando ela relata que a sua família caminhava sete quilômetros até chegar à Igreja para participar da missa. A igreja era um lugar comum para homens e mulheres que participavam das celebrações e seguiam a sua doutrina. Outro espaço comum entre homens e mulheres eram as festas celebrações realizadas periodicamente.

“Ele veio pro Paraná e logo conheci o irmão dele. Depois ele começou a vir para Xaxim e lá se encontramos numa festa e dentro de um ano casamos” [...] “Olha, naquele tempo quatro, cinco, seis oito quilômetros a gente ia a pé, ia visitar. E, agora a gente tem carro nem vai se visitar”.⁶⁰

⁵⁷ BEAL, op. cit., p. 280.

⁵⁸ Segundo Deitos, “Ao transparecer afinidades das populações migrantes com a Igreja Católica, estas se fundamentam na experiência em que grupos de imigrante tinham no Rio Grande do Sul, onde a situação de isolamento e abandono do poder público ao chegarem àquele Estado fez com que o catolicismo tivesse um papel fundamental no processo de organização da nova vida. No caso das colônias italianas no Rio Grande do Sul, a presença do catolicismo colocava-se como força de nomeação. Esta herança também pode ser relacionada, em parte, com o processo de colonização do Oeste do Paraná” (DEITOS, N.J; GREGORY, V; VANDERLINDE, T. **Migrações e a construção do Oeste do Paraná: século XXI em perspectiva**. Cascavel: Coluna do Saber, 2007. p.185).

⁵⁹ BEAL, op. cit., p. 280.

⁶⁰ Ibidem, p. 281.

Podemos perceber que na narrativa de Maria Galante Dal Bosco, a intencionalidade de envolvimento das mulheres em todo o processo de colonização, e como se dava os laços de envolvimento entre os moradores da colônia.

Outro elemento a ser questionado são as impressões que as mulheres tiveram ao chegarem em Toledo, impressões estas a respeito da mudança para um novo lugar, as dificuldades como aponta dona Gentila Ruaro Wiezzer:

“Eu vim com o meu marido de caminhonete porque aqui precisava de caminhonete. Meu Irmão, foi ele que começou aqui em Toledo então ele comprou uma caminhonete usada para a mudança que dava pra carregar” [...] “Não tinha leite. Peguei uma vaca de fora, de outros que tinham vaca. Pegar vaca emprestada para tirar leite por causa das crianças, porque não tinha mercado...nada”⁶¹.

A fala de Gentila evidencia o Cotidiano, no qual as atividades desenvolvidas eram diversas na dinâmica da unidade familiar nos primeiros anos da colonização. Em suas narrativas dona Gentila prossegue falando das dificuldades dos anos iniciais:

“Fazia um buracão enorme debaixo das casas, que esse buraco grande que ele fazia debaixo da casa, ele era a geladeira. Então lá botavam tudo, bem cobrido, botava queijo, botava leite para não azedar no verão.” [...] “Mosquito, mosquito, mosquito que era feroz. Tinha que enrolar num lençol ou toalha de banho sobre as pernas. E sempre dando uns tapas nos braços e eles eram feroz e milhões de milhares. Minha Nossa Senhora que coisa horrível.”⁶²

As dificuldades eram inúmeras, tanto quanto alimentação, moradia. Estas mulheres e homens tiveram de se adaptar ao ambiente inóspito em que consistia a região Oeste, em processo de colonização. Porém havia momentos de divertimento e lazer, como era o caso das festas, como relata Gentila: “Quando tinha festa então, todo mundo ia ajudar as irmãs.”

Quando Gentila expressa “todo mundo ia ajudar”, conseguimos identificar as relações de cooperação entre homens e mulheres.

No entanto, devemos lembrar que as vivências das mulheres e dos homens

⁶¹ BEAL, op. cit., p. 281

⁶² Idem, p. 281.

no processo de colonização estão inter-relacionadas, pois ambos foram responsáveis pelas mudanças sociais.

Deste modo, ao analisar estas três obras sobre a colonização de Toledo, observamos, em grande medida, o silenciamento acerca das atividades das mulheres sobre as suas contribuições para a colonização, especialmente nas obras de Oscar Silva, “Toledo e sua História” e de Ondy Niederauer, “Toledo no Paraná”.

Esses autores, como também o livro de Vitor Beal, relegam às mulheres o estigma de coadjuvante no processo de colonização. Na obra de Olívio Beal observamos, entretanto, algumas mulheres sendo apresentadas como “pioneiras”, desbravadoras, recaindo sobre o mesmo problema da denominação do pioneirismo, que enaltece determinados sujeitos em detrimento de outros. O que recria um ambiente segregador dos sujeitos sociais, ao atribuir significações e “importâncias” diferenciadas para as ações e para os próprios sujeitos, no intuito de recriar uma história da colonização elaborando a criação de “mitos” como analisa Pollak:

Mas nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas. O passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, desafio lançado à ordem estabelecida⁶³

Deste modo, estas literaturas são elaboradas de modo a reconstruir uma história da colonização de Toledo para transformar determinados sujeitos em “mitos”, rememorados, provocando distinções entre os sujeitos sócias do processo histórico em questão.

Diante dessa configuração, no capítulo II iremos trabalhar com falas de mulheres que participaram da colonização de Toledo, analisando este processo a partir de suas impressões, de como interpretam as suas vivências daquele tempo e espaço social.

⁶³ POLLAK. op. cit. p. 11.

CAPÍTULO II

A COLONIZAÇÃO SOB OLHAR DAS MULHERES

Memórias, Trabalho e Sociabilidades

Existe uma vasta gama de livros sobre a colonização de Toledo, no entanto, como vimos no capítulo anterior, os textos e relatos reproduzidos nas obras parte das impressões de determinados homens, participantes do processo colonização. Porém, na maioria das vezes existe uma ausência de falas e percepções das mulheres nestas literaturas. Desse modo, é importante evidenciar a visão que as mulheres tiveram dos primeiros anos da colonização, quais as suas percepções e interpretações deste período.

Assim, neste capítulo, analisaremos as representações que as mulheres elaboram acerca da sua participação durante o processo de colonização e como significam suas experiências de vida e trabalho, naquele tempo e espaço social.

Durante o Projeto História, desenvolvido em Toledo, foram feitas entrevistas com diversas personalidades consideradas pioneiras de Toledo. Estas entrevistas fazem parte do acervo do Museu Histórico Wylli Barth. Ao Total foram feitas mais de 1.211 entrevistas, estando disponíveis em fitas e CDs. Segundo informações colhidas junto aos funcionários do museu, o número de entrevistas com mulheres é reduzido. A maior parte foi feita com homens. Parte delas com casais.

A maioria das entrevistas foi produzida entre os anos de 1984 e 1990. Elas foram concedidas para os funcionários do Museu que entrevistaram estes indivíduos, assim, como foram responsáveis pela elaboração do roteiro de perguntas que foram feitas aos entrevistados(as). Dentre estes funcionários(as) estão Geni Fabris, Dari Luiz Balest e Lurdes Barbieri.

Das seis entrevistas que nos foram disponibilizadas na visita que fizemos ao museu, selecionamos quatro, devido à qualidade do áudio das mesmas. Duas não puderam ser utilizadas, pois estão iniludíveis.

As mulheres, das entrevistas utilizadas, chegaram em Toledo entre 1946 e 1953. Algumas com seus esposos, outras chegaram ainda crianças ou jovens, com

seus pais. Em comum, todas tiveram esposos ou pais que foram considerados pioneiros de Toledo, sendo eles empresários, políticos, comerciantes, construtores, ou colonos, entre outros. Quase todas já eram viúvas na época em que concederam as entrevistas, ou já tinham seus pais “pioneiros” falecidos.

As entrevistas, em geral, seguiram um roteiro, começando pelo ano que elas chegaram a Toledo; qual foi o motivo da vinda; qual o trabalho dos esposos; ou dos pais; qual era a relação destes homens na sociedade da época; casamento; religião igreja; festas; lazer; comida; acidentes. Cada entrevista tem em media cinquenta minutos de duração.

O fio conduto das entrevistas, via de regra, centra-se em questionamentos a respeito dos “colonizadores”, ou seja, dos homens que migraram a Toledo na época da colonização e são designados como pioneiros.

Neste capítulo, utilizamos quatro entrevistas concedidas por mulheres. Duas delas são viúvas de “pioneiros”, e duas filhas de “pioneiros”. Também analisaremos duas entrevistas realizadas com mulheres, atualmente aposentadas, que nos foram concedidas durante o ano de 2013. Trata-se de Emazil Batista de Lima e sua filha Iracema Galvão. As entrevistas não seguiram um roteiro pré-estabelecido, no decorrer das entrevistas foram feitas intervenções para que pudéssemos ouvi-las sobre mais sobre questões da nossa pesquisa e para tirar eventuais dúvidas.

As seis entrevistas foram transcritas por nós, mantendo de forma literal as falas, sem modificar as discordâncias e erros de pronúncia das palavras. Optamos por esta forma de transcrição para não criar antagonismos em relação as origens das entrevistadas e o modo como as mesmas expressam suas memórias.

Para analisarmos estas percepções, dividimos este capítulo em três tópicos. Num primeiro momento analisaremos como as mulheres relatam a chegada à Toledo a as dificuldades deste processo de mudança.

Depois, trabalharemos as percepções destas mulheres à respeito dos trabalhos realizados por elas no primeiros anos da colonização. Por último, trataremos das sociabilidades, dos lugares de comuns dos primeiros moradores de Toledo, sob olhar das mulheres.

1. Imagens da colonização: a migração e as dificuldades iniciais

A colonização de Toledo começou efetivamente a partir de 1946, com a chegada de migrantes de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul⁶⁴. Os primeiros anos da colonização foram muito difíceis, devido a falta de recursos para a sobrevivência dos primeiros moradores da colônia. Os mesmos tiveram dificuldades na viagem de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul até Toledo. Na época não havia estradas em bom estado, como conta dona Dionísia Heiss que chegou em Toledo em 11 de dezembro de 1950 acompanhada de seu esposo Arcênio Heiss. Os dois eram Agricultores e, em 1952, abriram uma ferraria. E, segundo ela, enfrentaram muitas dificuldades durante a viagem para Toledo:

(Pergunta)) As dificuldades da viagem quais seriam?

(Dionísia Heiss) Não, foi assim tudo bem, só que demorado né. A estrada era ruim né, daqui pra lá de Laranjeiras tinha que amarrar o caminhão pra poder descer naqueles morros de pedras. E não podia ficar em cima do caminhão, ficava só o motorista.

(Pergunta) E amarrava onde o caminhão?

(Dionísio Heiss) Nas árvores, daí ia pra frente⁶⁵.

Além da viagem que era dificultada pela falta de estradas, quando chegavam na colônia, os migrantes tinham de enfrentar diversas situações também difíceis, como a falta de alimentos e a falta de infraestrutura. Não havia construções, casas suficientes para todos morarem, nas palavras de Dionísia “Quando nós chegamos aqui era tudo mato”. Nessa afirmação da entrevistada, para além das dificuldades enfrentadas, observamos que ela, ao utilizar a expressão “nós chegamos”, evidencia suas vivências e de seu marido. A mudança das famílias para Toledo costumava demorar em média uma semana:

Casamos e viemos para cá, nossa viagem de núpcias foi em cima

⁶⁴ Segundo Schreiner, “Toledo surge efetivamente em 1946, com a migração de agricultores gaúchos e catarinenses provenientes da região Oeste do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Esses agricultores migraram em busca de novas terras para o cultivo como forma de reproduzirem a sua condição de produtores rurais pois, nos Estados de origem, além da escassez da terra, a queda da fertilidade implicava em baixa produtividade”. (SCHREINER, Davi Félix. Cotidiano, **Trabalho e poder**: a formação da cultura do trabalho no extremo Oeste do Paraná. 2. Ed. Toledo: Editora Toledo, 1997. p. 20.).

⁶⁵ HEISS, Dionísia. Entrevista concedida ao Museu Histórico Willy Bath, em 19 de abril de 1989.

de um caminhão, quatro dias de Concórdia até aqui. Foi muito sacrificada, a estrada era muito ruim né. Quando nós chegamos aqui, quase tudo mato, mas a gente se sentiu em casa.⁶⁶

A viagem era muito desgastante, levando dias para chegar à Toledo, conta Dionísia. Na sua narrativa visualizamos as imagens de vivências durante o percurso da viagem, em condições precárias. No entanto, podemos observar nas falas de Dionísia uma visão antagônica destas dificuldades “era tudo mato, mas a gente se sentiu em casa”. Nessa afirmação de Dionísia, ela elabora outro sentido para o processo de migração e de colonização. Por mais que ela pontue as dificuldades da viagem, não deixa de enfatizar que a colonização, a mudança fora algo bom, que compensou os seus sacrifícios.

Os diferentes enfoques das entrevistas, acima mencionadas, nos levam ao que afirma Portelli, ou seja, que “a história oral e as memórias [...] não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”⁶⁷. Deste modo, as memórias destas mulheres devem ser analisadas com base nas representações que as mesmas tem da colonização, e como relembram este período.

As dificuldades vividas para se chegar à colônia assemelham-se nos relatos das entrevistadas, entre os quais o de Edith Poniewass, nascida em Santa Maria, no Rio Grande do sul, chegou em Toledo ainda criança, com seis anos de idade em vinte de janeiro de 1953, acompanhada de seus pais Ire Poniewass e Eli Nirce Poniewass:

(Pergunta) Vocês vieram de caminhão ou de carro próprio?

(Edith Poniewass) Não, viemos de caminhão. Aquela viagem de uma semana, com todas as aventuras que tem direito.

(Pergunta) alguma lembrança mais pitoresca dessa viagem?

(Edith Poniewass) Ah sim, viemos em comboio, que eram duas mudanças dois caminhões. E do outro motorista sofria mais porque, tinha o caminhão mais velho. Então nas subidas era certo que tinha que alguém descer e ajudar a empurrar morro à cima. As chuvas não perdoaram, foi uma semana para vir do Rio Grande do Sul até aqui⁶⁸.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ PORTELLI, op. cit., 17.

As viagens se tornavam extremamente desgastantes para às famílias, além das dificuldades com as estradas, pelas más condições das mesmas, estas famílias migravam com seus filhos e mudanças, móveis, equipamentos de trabalho. Os migrantes tiveram o caminhão como o principal meio de transporte. A viagem, dependendo da distância, se estendia por dias, como também relata dona Alzira Diel que chegou em Toledo em 1950 vinda de Concórdia Santa Catarina, acompanhada de seu esposo Virgílio Diel:

(Pergunta) E na viagem, vieram com o caminhão do Albano Ibea?

(Alzira Diel) Sim, ficamos três dias na viagem.

(Pergunta) A viagem de Concórdia até aqui demorou três dias?

(Alzira Diel) Três dias...

(Pergunta) Não teve nenhum problema na viagem?

(Alzira Diel) Não, só de noite as vezes ficamos até meia-noite viajando, ficamos no hotel⁶⁹.

Na fala de Alzira Diel, a mesma também relata as dificuldades da viagem para Toledo. Porém, quando perguntada se houve algum problema na viagem a mesma relata que não houve maiores problemas, a não ser a viagem que se estendia até horas do período noturno. No entanto nas falas de Edith Powerns e de Dionísia Haiss e Alzira Diel, observamos que as condições de transporte eram precárias e que a mudança se tornava excessivamente desgastante e demorada.

Outro problema enfrentado pelas famílias que migraram para Toledo, era a falta de moradia. Poucas famílias vieram para Toledo e se instalaram imediatamente em casa própria. Em sua maioria ficavam em casas alugadas que eram construídas pela Maripá, como relata Dionísia Heiss:

(Pergunta) E vieram morar aqui em Toledo em que lugar?

(Dionísia Heiss) Nós chegamos morar perto do..Hoje onde é o Parque Ecológico, numa casinha lá, alugamos primeiro lá(...) daí ficamos um tempo até 1953.⁷⁰

Assim como dona Dionizia, Alzira Diel também se instalou em uma das casas da colonizadora ao chegar no Arroio Toledo:

⁶⁸ PONIWASS, Edith. Entrevista concedida ao Museu Histórico Willy Bath, em fevereiro de 1991.

⁶⁹ DIEL, Alzira. Entrevista concedida ao Museu Histórico Wylli Bath, em 28 de março de 1989.

⁷⁰ HEISS. Entrevista citada.

(pergunta) Quando chegaram aqui foram morar onde?
 (Alzira Diel) Na casa da firma, perto do lago.⁷¹

No entanto, as famílias que se estabeleciam nas casas da colonizadora Maripá, eram escolhidas de acordo com os critérios do projeto colonizador: a localidade de origem, a descendência e o “histórico do trabalho no campo”⁷². As famílias que não se enquadravam em alguns desses critérios da companhia colonizadora, ao chegarem ao arroio Toledo, se estabeleciam em região distante do centro da cidade, ocupando pequenos pedaços de terra de forma ilegal. Esta localidade ficou conhecida como “pouso frio”⁷³. Essa experiência foi vivenciada por Dona Emazil de Lima Batista, que migrou de Cantanduvras, Santa Catarina, para Toledo com seu esposo Abel Batista de Freitas e cinco filhos, em 1948:

Nos chegamo, ficamo três meses numa casa da serraria. E depois fizemo um rancho lá no Pouso Frio, pra trabalha com os boi⁷⁴.

Ao chegar em Toledo, dona Emazil, trabalhou na lavoura e na criação de gado, enquanto que seu esposo domava “junta de bois” para puxar toras de madeira⁷⁵. Para além das dificuldades com a moradia, a alimentação também era outro aspecto complicado nos primeiros anos da colonização, como relata dona Dionísia Heiss:

Não foi fácil, no começo faltava muita coisa, leite manteiga, queijo não se achava para comer. Vinha de lá uma caminhonete uma vez por mês. A gente sempre cuidava para conservar, geladeira não tinha.⁷⁶

⁷¹ DIEEL. Entrevista citada.

⁷² Segundo Davi Schreiner, “estes vieram, em sua maioria, do Oeste do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e, predominantemente, eram de descendência italiana e alemã. Segundo o projeto de colonização da MARIPÁ, a preferência por estas etnias deu-se por serem consideradas como portadores de “mão-de-obra esmerada” e de “maior valor produtivo”(…) Esse critério seletivo da MARIPÁ demonstra o desejo de estabelecer uma homogeneidade populacional na área da colonização” (SCHREINER, op. cit., p. 66-67).

⁷³ Segundo Tizziane, “este espaço conhecido como “pouso frio” era um determinado espaço que a pessoa ocupava, (terreno) sem ser adquirido, ou seja, de forma ilegal, ficava longe daquele que viria a ser o centro da cidade. Esta denominação deu-se com consequência das pessoas que vinham à Toledo sem terem como adquirir terras legalmente, ou seja tomavam posse de um determinado espaço de modo ilegal ou seja “frio”. (TIZZIANE, op. cit. p. 23).

⁷⁴ BATISTA, Emazil de Lima. Entrevista concedida à autora, em 28 de setembro de 2013.

⁷⁵ COLOGNESE, Silvio Antônio. (org). **Ruas de Toledo: identidades que se cruzam**. Cascavel: Edunioeste, 2011. p. 55.

⁷⁶ HEISS. Entrevista citada.

As primeiras famílias que virem para Toledo tinham de criar formas alternativas de conservação de alimento, assim como tinham que produzir os alimentos básicos. E, neste sentido, as mulheres participaram e muito para a manutenção da reprodução dos meios de sobrevivência, pois além de se ocuparem da educação das crianças e na lida no campo também eram responsáveis pelo preparo das refeições. Devemos lembrar que, quando falamos de mulheres, estamos falando das esposas, mães e filhas, trabalhadoras, independentemente de sua condição social. Era comum, sobretudo em famílias mais pobres, as irmãs mais velhas serem as responsáveis pelos afazeres domésticos, bem como pela criação das(os) irmãs(aos) mais novas(os).

2. O Trabalho

Devido às dificuldades dos primeiros anos do processo de colonização, a maioria das mulheres migrantes tinha que cumprir dupla jornada de trabalho – durante o dia e à noite. As mesmas trabalhavam na lavoura, na lida com pequenos animais como porcos, vacas, galinhas tinham de cuidar da criação dos filhos assim, como eram responsáveis pelas atividades domésticas como observa Schreiner:

A função da mulher na produção familiar agrícola antes da mecanização, além da participação do trabalho na roça, era fazer os serviços domésticos – cuidar da limpeza da casa, das refeições e da “criação” (os animais domésticos como gado leiteiro, os frangos, etc.)⁷⁷.

No entanto, nos relatos das entrevistadas, em diversos momentos, é realçado o papel dos homens, seus esposos ou pais como trabalhadores em detrimento da participação das mulheres. Observamos uma incorporação de valores que a família e a sociedade de então davam ao papel da mulher e ao seu trabalho. É o que vemos, por exemplo, na entrevista feita pelo “projeto História” com Alzira Diel.

Ela era responsável pelos denominados afazeres domésticos (cozinhar, lavra, limpar a casa, entre outras atividade) e também cozinhava nas festas do Clube

⁷⁷ SCHEREINER, op. cit., p. 89.

do Comercio de Toledo⁷⁸, juntamente com o seu esposo, que também era caminhoneiro. No ano em que a entrevista foi concedida, em 1989, Alzira já era viúva. A entrevista transcorre de forma a relatar os feitos de seu falecido esposo, tendo poucas falas a respeito da própria entrevistada.

(pergunta) Então o seu marido veio para trabalhar com a Maripá?

Ele começou trabalhando já com caminhão? puxava madeira?

(Alzira Diel) Sim.

(pergunta) Mais tarde começaram a trabalhar no clube do comercio também?

(Alzira Diel) Já, nós tinha caminhão também, puxava bebida de Concórdia para cá.

(pergunta) E o clube do comercio aqui? Vocês trabalharam?

(Alzira Diel) Primeiro eles pagaram mês por mês (...)

(pergunta) A senhora cozinhava?

(Alzira Diel) Sim.

(pergunta) quando começaram a trabalhar no clube do comercio?

(Alzira Diel) 1955.⁷⁹

Na fala de Alzira, podemos perceber que ela e seu esposo desenvolviam trabalhos de forma similar. Trabalhava, tanto nas atividades com o caminhão da família, como trabalhava como cozinheira nas festas. À exemplo de Alzira, como já falamos no primeiro capítulo, as mulheres desenvolviam diversas atividades tanto no campo como no espaço da vila. Além de vários afazeres na lavoura, no comércio e em atividades no espaço doméstico, também era a principal responsável pela educação dos filhos.

A diversidade de atividades no espaço urbano evidencia-se, por exemplo, na entrevista de Edith Poniewass. Enquanto seu pai era construtor especialista em Azulejos, sua mãe era responsável pelos afazeres doméstico e era cabeleireira. Podemos notar na fala de Edith versões acentuadas a respeito dos feitos de seu pai, já falecido na época da entrevista. Edith enumera suas qualidades e seus esforços.

(pergunta) O seu pai fazia que atividade lá?

(Edith Poniewass) Meu pai era pedreiro, mas com especialização dizemos assim, em colocação de azulejos e similares, isto em Santa Maria. Porque aqui a coisa se tornou diferente

(pergunta) Qual foi a atividade dele aqui?

(Dionísio Heiss) Aqui a coisa foi diferente, pedreiro inicialmente,

⁷⁸ Foi inaugurado em 1953, foi palco de vários encontros, festividades (Cf. NIEDERAUER, op. cit., 301).

⁷⁹ DIEL, Alzira Diel. Entrevista citada.

mas na época de pioneiros, pega-se onde for preciso, então azulejos que eram uma especialidade passou a ser mais secundária, como havia necessidade de pegar em todas as pontas. Ele foi construtor empreiteiro, em todos os sentidos começava e terminava uma construção, com tudo que tinha nela(...). Bom entre as coisas de pioneirismo, minha mãe era cabeleireira. Meu pai abriu uma fábrica de azulejos em Toledo a primeira e única, nunca soube de nada parecido. Não durou muito, porque não havia consumo para isso aqui, mas deve haver algumas peças perdidas por aí. Era uma prensa de dimensões e fabricava por impressão nas formas cimento colorido. De acordo com as formas, era ladrilho, não era vitrificado, por isso mesmo, não teve tanto sucesso aqui, que com a poeira daqui encardia muito⁸⁰.

As falas de Edith a respeito de sua mãe são reduzidas. Edith não se estende ao falar de sua mãe e os trabalhos realizados por ela, bem como sobre as contribuições da mesma para o estabelecimento da sua família nos primeiros anos da colonização. Deste modo, Edith coloca os trabalhos de sua mãe Eli Nirce Poniewass em segundo plano e explicita muito mais as atividades e as qualidades de seu pai, como construtor, azulejista, criador de máquinas. Em relação a sua mãe, a ela faz referência em apenas uma frase, onde expõe que a ela foi cabeleireira.

Mas, devemos lembrar que essa ênfase foi elaborada em relação a um contexto social no qual as atividades desenvolvidas pelos homens são vistas, geralmente, como superiores e, ou, mais importantes do que o das mulheres. Em diferentes meios sociais o homem é visto como o símbolo do trabalho braçal, ou responsável pelos negócios e pela política. À mulher, segundo essa visão, cabe o ambiente doméstico, que por sua vez não é visto como elemento principal da unidade produtiva familiar no campo ou para a condição socioeconômica da família na cidade. E, portanto, segundo essa visão, não deve ter muita visibilidade social e nem reconhecimento.

Esta visão centralizadora do homem como provedor também pode ser analisada na fala de Dionísia Heiss. Grande parte da entrevista de Dionísia é voltada aos afazeres de seu esposo Arcênio Heiss, sobre sua profissão, suas dificuldades quanto ao trabalho de ferreiro e agricultor.

(Dionísia Heiss) O meu marido, a profissão dele era ferreiro.

⁸⁰ PONIEWASS. Entrevista citada.

Começar lá era difícil. Daí surgiu a propaganda de Toledo, foi o (iniludível) que vendia as terras aqui. E ele (Arcenio Heiss) tinha ganho na loteria federal, e com o trabalhava em uma ferraria lá. e com o patrão dele fizeram uma sociedade, 20 cruzeiros..mas naquele tempo daria para comprar duas colônias de terra. Então já tinha o dinheiro ele veio para cá, compro terra e fico, e continuou trabalhando na auto mecânica como ferreiro. E depois casamos (...) Compro terra ali em X de maio no rio... como chama aquele rio (inaldível). Até que resolveu ter uma ferraria por conta. A primeira ferraria particular em Toledo.

(pergunta) A primeira ferraria particular em Toledo? Quando que foi isso?

(Dionísia Haiss) Sim, foi em 1952. Ele foi para Porto Alegre comprar ferramenta lá e depois começou.

(pergunta) Que tipo de serviço que ele fazia?

(Dionísia Haiss) Fazia carroça, inchadas, foices, todas ferramentas, que precisava que fazia muita falta isso né. E ai foi a te 65 que ficamos com a ferraria. Daí começamos com ferro velho e mais tarde vendemos o ferro velho e daí começou a venda de maquinário e hoje agricultura e criação de gado

(Dionísia Haiss) Em 1984 ele faleceu, de câncer, um homem que nunca ficou doente, trabalhava muito... e de repente mês de outubro começou a ficar doente em fevereiro já faleceu

(pergunta) Que idade que ele tinha quando faleceu?

(Dionísia haiss) 55⁸¹.

Dionísia enfatiza a importância do trabalho de seu esposo, reafirmando o “pioneirismo” do mesmo. Porém como nos ensina Guinsbug⁸² nós devemos estar atentos para os indícios, que transparecem outra “realidade” do e no social. Ao falar “Daí começamos com ferro velho e mais tarde vendemos o ferro velho”⁸³, Dionísia usa as palavras “nós”, e “começamos” para designar as decisões da família quanto aos negócios. Desse modo, se inclui, afirma sua participação nas decisões. Portanto, as mulheres tinham sim atuação sobre as decisões sobre o trabalho. Dionísia enfatiza elementos que qualificariam seu esposo como “pioneiro”, já que o mesmo teria criado a primeira ferraria de Toledo:

(Dionísia Haiss) Até que resolveu ter uma ferraria por conta. A primeira ferraria particular em Toledo.

(pergunta) A primeira ferraria particular em Toledo? Quando que foi isso?

(Dionísia Haiss) Sim, foi em 1952. Foi pra Porto Alegre comprar ferramenta lá e depois começou.

⁸¹ HEISS. Entrevista citada.

⁸² Ver: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo : Companhia das Letras, 1989. p.177.

⁸³ Idem.

(pergunta) Que tipo de serviço que ele fazia?

(Dionísia Haiss) Fazia carroça, inchadas, foices, todas ferramentas, que precisava que fazia muita falta isso né⁸⁴.

O discurso do pioneirismo se faz presente de modo que justifica a importância de cada família para o processo de colonização. No discurso de Dionisia Heiss, este pioneirismo é justificado pela criação da primeira ferraria em Toledo, bem como pela importância dos trabalhos desenvolvidos por seu Esposo Virgílio, ao valorizar a criação de ferramentas. Porém, quando se trata dos trabalhos realizados por as mulheres, o discurso não se estende:

(pergunta) Da onde que vinha esse alimento?

(Dionísia Haiss) De Curitiba, Guarapuava, São Paulo, Ponta Grossa

(pergunta) E carne faltava no inicio, ou não?

(assunto) Não, por já tinha o Emporio e eles já matavam gado ali. Eu não lembro assim da gente ter passado fome, graças a Deus não .

(Dionísia Haiss) Depois a gente já tinha começado a criar uns porquinhos, né.

Durante os primeiros anos de colonização, era comum a criação de animais de pequeno porte, como galinhas, porcos e até mesmo vacas. Os cuidados domésticos e a criação por muitas vezes ficava a cargo das mulheres, como podemos observar na fala de dona Dionísia: “Depois a gente já tinha começado a criar uns porquinho, né⁸⁵. O que demonstra que apesar destas mulheres não relataram os seus trabalhos de forma prolongada, as suas falas são permeadas por indícios que elas participaram de forma ativa deste processo juntamente com seus pais, ou esposos.

Como dissemos anteriormente, as condições de sobrevivência, nos anos iniciais da colonização, eram precárias, pela falta dos mecanismos básicos para a sobrevivência das famílias, no que diz respeito à alimentação, moradia e saúde. Neste contexto, as mulheres que migraram com seus esposos e pais, se mudando para Toledo durante o processo de colonização, tiveram de enfrentar inúmeras dificuldades juntamente com seus familiares.

Deste modo, a importância do trabalho feminino foi tão importante quanto ao

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Idem.

trabalho desenvolvido pelos homens, tendo em vista que estas mulheres trabalhavam no campo, na lida com animais de pequeno porte, em casas de famílias como domésticas, nos primeiros comércios, nas empresas da própria família e ainda eram responsáveis pelos afazeres domésticos.

No entanto, o discurso elaborado por estas mulheres, via-de-regra, não qualifica os seus trabalhos tanto quanto a dos homens, de modo a terem uma grande significação para os primeiros anos de colonização. Dionísia Heiss quando perguntada sobre os o seu trabalho relata que:

(pergunta) E a senhora, trabalhou... sempre cuidando das crianças, sempre em casa né?

(Dionísio Heiss) Sempre.

(pergunta) Mas tinham mulheres na época, que trabalhavam fora já né?

(Dionísio Heiss) Mas muito pouco, mais professoras assim, parteiras. Mas não tinha muita mulher assim trabalhando fora⁸⁶.

Dionísia não se estende muito ao falar de seus trabalhos domésticos, mesmo sendo esta a única parte da entrevista sobre os trabalhos feitos por ela. Talvez, o trabalho doméstico seja considerado por ela como de valor inferior em relação aos trabalhos desenvolvidos pelos homens. Mas, isso podemos apenas levantar como hipótese, pois a narrativa não nos fornece evidências suficientes nesse sentido. Mesmo assim, em se supondo confirmada, poderíamos nos perguntar sobre se há uma incorporação/recriação/reprodução de valores, funções e estereótipos atribuídos pelos homens ao trabalho das mulheres.

Apesar de as mulheres privilegiarem os feitos dos homens, contribuindo para o sentido de “pioneirismo”, dos homens como responsáveis pela colonização de Toledo, existem vestígios que demonstram a participação das mesmas neste processo. A própria Dionísia, quando perguntada sobre a relação das mulheres com o trabalho, diz que na época eram poucas as mulheres que trabalhavam “fora de casa”⁸⁷, como professoras.

A outra entrevista feita pelo Museu Histórico Willy Barth para o “Projeto

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Neste sentido se entende a expressão “trabalhar fora de casa” como, o trabalho realizado em estabelecimentos comerciais, órgãos públicos, limpeza de casas, professoras, parteiras.

História” selecionada por nós foi a de Oresta Comerlato. Oresta é natural de Santa Rosa Rio Grande do Sul e chegou em Toledo em 1953 acompanhada de seu pai, para trabalhar no Empório Toledo⁸⁸ onde eram acionistas. Oresta Comerlato era balconista no Empório Toledo.

Além de trabalhar em casa e no campo as mulheres também trabalhavam no comércio e em lugares públicos, assim, como relata Oresta:

(pergunta) E na época a sociedade Toledana era comum as mulheres trabalharem nas lojas por exemplo? Não do lar?

(Oresta Comerlato) Era comum.

(pergunta) Mas não existia um certo preconceito da mulher?

(Oresta Comerlato) E... acho que não, nessa época já existia mais. Porque muitas mulheres de motoristas da Maripá mesmo, elas trabalhavam fora também, trabalhava em loja, não tinha muita opção, não tinha muita loja. Tinha a prefeitura, já de 1954 em diante né.

(pergunta) 1952, 1953?

(Oresta Comerlato) É... então, na prefeitura trabalhava a Marlene Paiva. Com ela já fez entrevista também?

(pergunta) Não.

(Oresta Comerlato) Então tinha no escritório... de contabilidade.

(pergunta) é porque é um lado curioso. Porque da a impressão que de que se uma moça trabalhasse fora por exemplo, já haveria um pouco de preconceito entre as pessoas, de falar que a mulher devia ficar em casa.

(Oresta Comerlato) Não, eu acho que naquela época não existia porque todo mundo trabalhava. Aqui em Toledo, eu pelo menos não acho que tinha preconceito⁸⁹.

Na fala de Oresta, podemos perceber mais uma das áreas de participação das mulheres. Existiam mulheres que trabalhavam fora de casa, que faziam parte do grupo de funcionários das primeiras lojas, do comércio. Assim, observamos que as mulheres participavam em diversas áreas da sociedade indireta ou diretamente.

No que se refere ao trabalho, a visão das mulheres entrevistadas, embora ressalvados os limites das entrevistas realizadas, observamos que às mulheres atribuem significação ao seu trabalho, à sua participação durante o processo de colonização, mesmo que esse apareça como inferior ao trabalho desenvolvido pelos homens.

⁸⁸ COMERLATTO, Oresta. Entrevista concedida ao Museu Histórico Willy Bath, em 31 de março de 1989.

⁸⁹ Idem.

Neste sentido, podemos levantar a hipótese de que a narrativa destas mulheres é o reflexo, em parte, da própria construção do discurso do pioneirismo, pois além de atribuírem a determinados sujeitos elementos qualificativos do pioneirismo, também tratam o pioneiro como elemento masculino, que em seus discursos é simbolizado pela figura de seus esposos e pais. Mas, também, em devido aos papéis e lugares que a elas eram impostos na família e na sociedade.

Nas quatro entrevistas por nós analisadas, realizadas pelos Museu Wiliy Barth, as mulheres trazem diversos elementos, destacando a importância de homens para a colonização de Toledo. No entanto, quando questionadas sobre os seus próprios trabalhos, não constroem o mesmo discurso no que tange a importância deles.

Diferentemente, a entrevista que realizamos com Emazil Batista de Lima, que migrou para Toledo em 1948, embora ressalte, elogiando o marido como um homem trabalhador, dá destaque ao seu trabalho, afirmando que trabalhava na roça, e muito. Desenvolveu diferentes atividades, como com a criação de gado e na roça. Conta ela, "*Depois que eu parei de trabalha com os boi, eu trabalha na roça... em treis roça*"⁹⁰.

A entrevista de dona Emazil, embora curta devido a sua avançada idade, nos possibilita visualizar não apenas o trabalho árduo. Após a entrevista, ficamos sabendo que, depois de o marido a deixar, criou os seus 12 filhos. Na entrevista ela não mencionou a separação, talvez porque, pelo que pudemos levantar posteriormente, foi traumática para ela.

3. Sociabilidades

Ao tratar das relações sociais entre homens e mulheres durante o processo de colonização de Toledo, também se faz necessário questionar sobre as sociabilidades para além do universo familiar. Dentre os espaços de sociabilização devemos lembrar do papel exercido pela Igreja neste período.

⁹⁰ BATISTA. Entrevista citada.

A Igreja Católica, predominante nesta época, exerceu papel central dentre as questões religiosas e políticas daquela sociedade⁹¹. A igreja era um lugar comum aos colonos, era um lugar de reza, mas também de encontro entre estes sujeitos. Muitas vezes era na igreja, depois da missa, que as famílias se encontravam trocavam experiências, mulheres e homens em rodas à porta da Igreja e no pátio em frente conversavam sobre diversos assuntos de seu cotidiano.

Nas falas das entrevistadas, a Igreja é vista como tendo papel central durante os primeiros anos da colonização, como é relata dona Dionísia Haiss:

O que seguiu a gente muito aqui foi a igreja, por que era o padre Antônio Patuí, um sacerdote muito dedicado. A gente se sentia tão bem com isso. Missa de manhã, todo dia com o sermão, novena de noite. Para ver como o povo ia na Igreja, talvez mais que hoje né. Pouca gente que tinha, mas sempre ia na missa⁹².

Na fala de Dionísia, podemos perceber a dimensão da importância da Igreja para muitos dos colonos. Para a mesma a Igreja foi a responsável pela permanência de sua família em Toledo. Ir à Igreja fazia parte dos atos do cotidiano dos primeiros moradores da colônia. A partir disto, podemos perceber como a Igreja fazia com que as pessoas se vissem mais, estreitando os laços de relacionamento entre elas. As novenas também eram realizadas com frequência, alternando de casas, o que fazia com que a maioria dos moradores se conhece, de certa forma com “maior intimidade”.

Em outro trecho da entrevista Dionísia faz questão de falar da importância que Igreja teve para a mudança dela e sua família para Toledo em 1950:

(Pergunta) A Igreja aqui como era?

(Dionísia Haiss) Ah isso era muito bom, era fora de serio, o que esse padre Antonio se dedicava as famílias ao progresso de Toledo. O

⁹¹ Segundo Deitos, “a atuação da Igreja junto aos fieis possibilitou a construção de um imaginário religioso através do qual, ao mesmo tempo em que a Igreja valorizou a presença dos colonos, estes tiveram a possibilidade de se instalarem na região, e estabelecerem uma relação de valorização ao papel desempenhado pela Igreja. A Igreja Católica utilizou-se de práticas e discursos que possibilitaram marcar presença na região, desenvolvendo uma estratégia que a caracterizou como uma instituição de necessidade ímpar junto aos colonos, a fim de provê-los dos “bens espirituais” (DEITOS, N.J; GREGORY, V; VANDERLINDE, T. **Migrações e a construção do Oeste do Paraná: século XXI em perspectiva**. Cascavel: Coluna do Saber, 2007. p. 183.).

⁹² HEISS, Entrevista citada.

Progresso de Toledo se deve muito a Igreja, principalmente ao padre Antônio. Porque muita gente não teria agüentado aqui, porque tinha muito mosquito. Mas como o amor que tinha pela terra e a esperança de melhorar e tudo né. Isso que nós trouxe pra cá, porque meu pai venho junto com o meu noivo ates, então eles gostaram de mais. Porque aonde nós morávamos era só capela tinha missa uma vez por mês e aqui tinha todo dia, então isso foi o que nós trouxe pra cá⁹³.

Mais uma vez Dionisia enfatiza a importância que a Igreja teve para a sua vinda e permanência em Toledo. Dionísia credita à Igreja Católica o “progresso”, o desenvolvimento da cidade.

Além da Igreja, da religião, as mulheres também mantinham outras práticas de sociabilização. As visitas, as conversas com a vizinhança eram frequentes, sobretudo nos finais de semana. Devido à falta de recursos financeiros, as pessoas tendiam a cooperarem uma com as outras, como podemos observar na fala de Oresta Comerlatto:

(pergunta) Todo mundo que a gente conversou, fala que o povo era mais unido na época...

(Oresta Comerlatto) É, não tinha essa coisa de um querer ser mais que o outro, isso não existia naquela época. Todo mundo se considerava igual, todo mundo respeitava o outro, considerava o outro. Hoje em dia não é mais assim⁹⁴.

Devido à pequena quantidade de moradores da colônia, os mesmos tendiam a estreitar os laços de solidariedade, cooperação e amizade. Iracema Galvão, que chegou em Toledo em 1945, com dois anos de idade, acompanhada de sua mãe Emazil Batista de Lima e de seu pai Abel Batista de Freitas, relata que:

Naquele tempo quando uma tinha aniversário, ia fazer surpresa, dançava passava a noite inteira dançando (...) Ia na festa de São João, fazia fogueira, dançava em volta da fogueira. Apesar do sofrimento, se divertia. Não é que nem agora, que ninguém se visita⁹⁵.

A fala de Iracema além de explicitar as formas como se davam as relações de

⁹³ Idem.

⁹⁴ COMERLATTO. Entrevista citada.

⁹⁵ GALVÃO, Iracema Galvão. Entrevista concedida à autora, em 28 de setembro de 2013.

convívio durante a colonização, também reforça as experiências de vizinhança entre as mulheres.

Na fala de Iracema também fica evidente a nostalgia em relação aos primeiros anos da colônia. Na maioria dos relatos, para além do sofrimento estas mulheres retratam os anos da colonização como “anos especiais”, de sofrimento sim, porém fazem questão de ressaltar as qualidades daquele tempo vivido por elas “Apesar do sofrimento, se divertia. Não é que nem agora, que ninguém se visita”⁹⁶

Outro espaço comum destas mulheres entrevistadas pelo Museu Willy Barth, que chegaram à Toledo entre 1945 e 1953, são as festas das Igrejas e do Clube do Comércio. As festas foram lugares comuns de mulheres e homens, como podemos observar na fala de Dionísia Heiss:

(pergunta) E as festas da igreja como era?

(Dionísia Heiss) Era bem bonito, todo mundo colaborava, como é hoje?

(pergunta) Tinha leilão?

(Dionísia Heiss) Sim, tudo, venda de números⁹⁷.

Quando Dionísia fala “todo mundo colaborava”, está se referindo aos homens e às mulheres e eventualmente às crianças. O que demonstra que as festas eram lugares de inter-relação entre os colonos. E que a presença e colaboração das mulheres e dos homens se entrelaçavam na elaboração destas festividades.

No entanto, para muitas mulheres as festas não eram apenas lugares de lazer, muitas delas trabalhavam nestas comemorações, cozinhando e na organização como no caso de dona Alzira Diel:

(pergunta) Mais tarde, começaram a trabalhar no clube do comercio também?

(Alzira Diel) Já nós tinha caminhão também, puxava bebida de Concórdia para cá.

(pergunta) E o clube do comercio aqui? Vocês trabalharam?

(Alzira Diel) Primeiro eles pagaram mensalidade, depois mês por mês. Depois o que vendíamos era nosso, não pagava nada pro clube.

(Pergunta) E o que era feito no clube, bailes? O que tinha?

(Alzira Diel) Sempre tinha baile bão, carnaval e festa. Casamento nos fizemos bastante lá também.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ HEISS. Entrevista citada.

(pergunta) A senhora cozinhava?

(Alzira Diel) Sim.

(pergunta) Que tipo de comida tinha na época?

(Alzira Diel) Na maioria era risoto⁹⁸.

Na fala de Alzira percebemos outro fator a ser analisado: a divisão social do trabalho entre homens e mulheres. Por muitas vezes, a construção do ideal feminino foi criado tendo como base estereótipos, o que acabou ou pretendeu delimitar divisões de trabalho para homens e mulheres, recriando ambientes nos quais os sujeitos deveriam atuar. As mulheres foram, e ainda hoje são em muitos espaços sociais, relacionadas ao ambiente doméstico, a cozinha, a casa.

Nas festas das Igrejas, assim como do Clube do Comercio, as mulheres tinham a atribuição de trabalhar na cozinha, na arrumação e eventualmente decoração das festas. Enquanto que os homens cuidavam da bebida, do churrasco.

No entanto, devemos lembrar que estas são condições mutáveis, que não podem ser aplicadas de forma linear para aquela sociedade, assim, como para qualquer outra. Deste modo, esta divisão do trabalho entre homens e mulheres pode ser sim, notada de forma mais acentuada durante o período de colonização. Além disso, que as relações entre homens e mulheres vão além dos estereótipos pré-concebidos, afinal, os indivíduos são plurais, independente de serem estes homens ou mulheres, como mostra Joana Maria Pedro:

Todo este debate fez ver que não havia a “mulher”, mas sim as mais diversas “mulheres”, e que aquilo que formava a pauta de reivindicação de umas, não necessariamente formaria a pauta de outras. Afinal, as sociedades possuem as mais diversas formas de opressão, e o fato de ser uma mulher não a torna igual a todas as demais. Assim, a identidade de sexo não era suficiente para juntar as mulheres em torno de uma mesma luta. Isto fez com que a categoria “Mulher” passasse a ser substituída, em várias reivindicações, pela categoria “mulheres”, respeitando-se então o pressuposto das múltiplas diferenças que se observam dentro da diferença. E, mais: que a explicação para a subordinação não era a mesma para todas as mulheres, e nem aceita por todas. Mesmo assim, era preciso não esquecer que, mesmo prestando atenção nas diferenças entre as mulheres, não era possível esquecer as desigualdades e as relações de poder entre os sexos⁹⁹.

⁹⁸ DIEI, Alzira. Entrevista citada.

⁹⁹ PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate**: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n 1, p 77-98, 2005. p. 82.

Sendo assim, devemos atentar para as várias nuances de comportamentos e “tradições” que estas mulheres (re)produziam, bem como evidenciar suas vivências e como as interpretam e como vivem as relações sociais. Deste modo, procuramos apresentar as diferentes visões sobre a colonização, em especial as percepções das mulheres, não para criar numa história da mulher, mas das mulheres, e, como sujeitos, também, deste processo histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo maior desta pesquisa centrou-se na abordagem das representações das mulheres acerca do processo de colonização do atual município de Toledo, Paraná. Para tanto, delimitamos para a análise o período de 1946 à 1956.

Ao analisarmos as representações elaboradas sobre ou das mulheres, observamos em grande medida um silenciamento nas obras que tratam do período da colonização. A maioria das obras, livros produzidos sobre este período trazem a figura das mulheres como elemento secundário para este processo ou trabalham a sua imagem como também “pioneiras”.

O discurso do “pioneirismo” presente nas obras analisadas, qualifica determinados sujeitos em detrimento de outros, e, assim, acaba por gerar uma hierarquização dos sujeitos históricos, levando a desqualificação dos demais sujeitos sociais.

Na pesquisa, inicialmente, nos deparamos com a falta de fontes que expressassem os trabalhos desenvolvidos pelas mulheres nos primeiros anos da colonização. Acreditávamos que tínhamos encontrado o maior obstáculo para a realização deste trabalho. No entanto, foi justamente a falta de fontes, da ausência das mulheres, em grande medida, nas obras produzidas pela Prefeitura de Toledo e outros autores que abordam a colonização de Toledo, que nos deu base para prosseguir com a pesquisa.

Deste ponto, partimos para a análise dos silenciamentos das memórias em relação às mulheres. Ao questionar este silenciamento em relação às mulheres e heroicização de homens, como no caso das obras de Oscar Silva e Ondy Helio Niederauer e Vitor Beal, percebemos que às participações das mulheres é vista como secundária. Analisando estas obras, evidenciamos o silenciamento das práticas sociais das mulheres no processo de colonização. Nas narrativas, as mulheres se encontram em situação auxiliar e não como protagonista.

Essa forma de abordagem da atuação das mulheres revela os valores e lugares sociais que a sociedade local entendia que deveriam ser de e para as

mulheres, em geral, o espaço doméstico, embora sua atuação não se limitava a ele. As atividades que desenvolviam eram diversas e o trabalho era árduo.

Para além da análise de obras, reconhecidas como representativas da história oficial de Toledo, sentimos a necessidade de trabalhar com a História Oral. Entendemos que a mesma constitui uma fonte importante por ser composta de memórias dos entrevistados e suas percepções sobre os acontecimentos. Porém, ao analisarmos as entrevistas, observamos que este discurso centralizador sobre o homem, também está presente nas falas das mulheres. Além disso, as significações, que atribuem para a sua participação na colonização, se assemelham ao discurso difundido pelas literaturas analisadas. Temos aí, indícios de incorporação pelas mulheres de valores e funções que a família e a sociedade, de modo geral, entende que devam assumir.

Ou seja, esse ideal, que estabelece a imagem do homem como o provedor e responsável pelos atos políticos, pelas decisões “importantes” e, ainda, como responsável pelo “progresso” não é apenas reproduzido pelos homens, mas também por mulheres que têm uma visão de inferioridade em relação aos homens. Mas, suas narrativas, mesmo assim, evidenciam sua vida social e os trabalhos que realizavam.

Por fim, ressaltamos que pelo tempo limitado e pela falta de experiência, ou, ainda, pela resistência em questionar o que está posto, ou melhor dizendo, imposta às mulheres, por muitas vezes não conseguimos analisar de forma ampla e aprofundada as várias nuances de uma sociedade e dos discursos criados sobre estas. Entendemos, contudo, que mulheres e homens são sujeitos sociais capazes de modificar, influenciar, criar e transformar as relações sociais nas quais estão inseridos e de se modificarem nelas.

FONTES

Entrevistas:

Entrevista com Alzira Diel, concedida ao Museu Histórico Willy Barth, em 28 de março de 1989.

Entrevista com Dionísia Heiss, concedida ao Museu Histórico Willy Bath em 19 de abril de 1989.

Entrevista Edith Poniewass, concedida ao Museu Histórico Willy Bath fevereiro de 1991.

Entrevista, Emazil de Lima Batista, concedida à autora em 28 de setembro de 2013.

Entrevista Iracema Galvão, entrevista concedida à autora em 28 de setembro de 2013.

Entrevista, Oresta Comerlatto, concedida ao Museu Histórico Willy Bath em 31 de março de 1989.

SITES:

<http://www.toledo.pr.gov/noticia/administração>. Consultado em 21/08/13.

<http://www.iapardes.gov.br/pdf/cadernos/Montapdf.php?Municipios=85900>.

Consultado em: 10/10/2013.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral**, a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro : fundação Getúlio Vargas. 1989.

BEAL, Vitor. **Tempo de heróis**. História de Toledo, Oeste do Paraná: a parte esquecida que o tempo não conseguiu apagar . Toledo: GFM Gráfica e Editora, 2009. p. 490.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**, lembranças de velhos. São Paulo : Companhia das Letras.1994.

COSTA, Luiz Aloberto Martins da. (coord.). **Toledo 50 anos**: cinco décadas de histórias. Toledo : Sul Gráfica, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro : Bertrand, 1990.

CHESNEAUX, J. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** – sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.

COLOGNESE, Silvio Antônio. (org). **Ruas de Toledo**: identidades que se cruzam. Cascavel: Edunioeste, 2011.

DECHOTTI, Eliane G. Souza. **Mulheres migrantes** : Lembranças da colonização de Toledo (1940 – 1960). 2000. TCC – Unioeste, Marechal Cândido Rondon.

DEITOS, N.J; GREGORY, V; VANDERLINDE, T. Migrações e a construção do Oeste do Paraná: século XXI em perspectiva. Cascavel: Coluna do Saber, 2007. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

GONZALEZ, Emílio. **A “invasão dos morenitas”**: experiências sociais na constituição urbana da cidade de Foz do Igauçu (1993-2001) historiografia, trajetórias e depoimentos. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial** : migrações no oeste do Paraná (1940-70). Cascavel: Edunioeste, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo : Companhia das Letras, 1989.

GRODIN, Marcelo. **O alvorecer de Toledo**: na colonização do oeste do Paraná (1946-1949). Marechal Candido Rondon/PR : Germânica, 2007.;

LANGARO, Jiane Fernando. **Quando o futuro é escrito no passado**: “colonização” e pioneirismo nas memórias públicas de Toledo – PR (1950-2010). PUC-SP. São Paulo, 2012. Tese.

MARQUES, Marilda. **Identidade e diferença**: Memórias sobre (e da) população do distrito de Bragantina, Assis Chateaubriande – Paraná (1960-2012). 2013

MORAIS, Cleonice Aparecida de Moraes. **Revisando a migração em Toledo**. A partir de narrativas femininas. 1999. (monografia em História) Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

NETO, José Miguel Arias. Pioneirismo político e identidade regional. **História & Ensino**, Londrina, v 01, p, 69,82. 1995.

NIDERAUER, Ondy Helio. **Toledo no Paraná**: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso. 2 ed. Toledo : Tolegraf, 2004.

PEDRO, Maria Joana. **Traduzindo o debate**: ousa da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, V. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

____PREDO, Maria Joana. Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinariedade. Org . Maria Joana Pedro. Florianópolis : Ed. Mulheres, 1998.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo : Fundação editora da UDESP,1998.

____Micheli. **Em que ponto está a história das mulheres na França?** Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero.

____Michelle. **Os excluídos da História**, operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro : Paz e Terra,1988.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE TOLEDO. **Imagens...e assim iniciou Toledo**. Toledo : Prefeitura do Município de Toledo, [198?]. s/p. ;

POLLAK, Michel. “**Memória, esquecimento e silêncio**” In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FVG, vol. 2, n. 3, 1989, p.

____Michel. **Memória e identidade coletiva**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro.Vol.5, n. 10, 1992. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. “**A filosofia dos fatos**: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. In: **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1, nº, pp. 59-72, 1992.

RUARO. Alfredo. **Autobiografia**. Datiloscrito: s/l., 2001.;

RUARO Ighes Zanionol. **Memórias**. Cuiabá: Edições Aroé, 2006.;

TARCÍSIO, V. et. Al. **Migrações e a construção do Oeste do Paraná**: século XXI

em perspectiva. Cascavel : Coluna do Saber. 2007

TIZZIANI, Maria Eva Duarte. **Mulheres na colonização de Toledo (1946 – 1956)**. TCC, Marechal Cândido Rondon.

TZVETAN, Todovov. **Memória do mal, tentação do bem**. São Paulo : Arx. 2002.

SCHREINER, Davi Félix. **Cotidiano, trabalho e poder**: a formação da cultura do trabalho no extremo Oeste do Paraná. 2. Ed. Toledo: Editora Toledo, 1997.

SILVA, Janine Gomes. Lugares de Memória, memórias de mulheres. **Espaço plural**. Ano VIII, nº 17, p 17-24, 2ª semestre 2007.

SILVA, Oscar; BRAGANOLLO, Rubens; MACIEL, Clori Fernandes. **Toledo e sua História**. Toledo: Prefeitura Municipal de Toledo, 1998.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba : Vicentina.

YOSHITA, Iraci da Silva Mernezes, (coord.). **Com licença somos distritos de Toledo**: projeto repensando os distritos de Toledo. Prefeitura Municipal de Toledo: Toledo, 1998.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Talita Maisa Santana, declaro para os devidos fins que o conteúdo deste Trabalho de Conclusão de Curso é de minha exclusiva autoria, assumindo, portanto totais direitos e responsabilidades sobre ele.

Talita Maisa Santana,
